



Lembranças

CATHERINE MARCELLE

Lembranças

Catherine Marcelle

Parte 1

As flores amarelas do imenso jardim que ocupavam toda a frente do instituto começavam a se abrir, exalando o aroma suave que encantava àqueles que seguiam para as aulas de música.

Charles e Adolph caminhavam pelo estreito caminho que os levaria até a entrada principal, quando foram abordados por Claire.

- Charles! Sei que sua aula está para começar, mas gostaria de lhe falar, se possível.

- Ainda temos tempo. Do que se trata? Noto seu semblante esperançoso.

- Sam me disse que Mia regressará ainda hoje, isto é certo?

Os olhos de Claire se encheram de lágrimas. Adolph segurou firme suas

mãos; - Sim, Claire. A informação procede.

- Poderei acompanhar o momento?

O mentor sorriu compassivo; - Poderei lhe dar a resposta após minha reunião no instituto de planejamento, Só então terei detalhes precisos. Até lá, procure se manter sintonizada com as melhores vibrações possíveis e tente não dar margem a qualquer tipo de ansiedade que venha a comprometer o objetivo que buscamos alcançar.

Claire soltou um leve suspiro de esperança, que colocaria suas emoções em equilíbrio novamente. Charles continuou; - Venha conosco. Essa aula lhe fará muito bem.

Do jardim, já era possível ouvir uma melodia suave que saía de uma das salas do instituto. O som do piano tocava suavemente o coração de Claire, levando ao seu íntimo a paz tão necessário para o momento que chegaria.

Dawn é uma colônia muito próxima à Terra. Situa-se acima de Londres e acolhe espíritos que ainda se identificam com as sensações da vida material. Seus corpos espirituais, ainda muito densos, guardam a forma das suas últimas encarnações e neles, seguem impressos todos os traumas e frustrações que os acompanharam em suas jornadas no corpo físico.

Situação em que todos os habitantes da maioria das colônias espirituais da Terra experimentam. Não são mundos perfeitos. São pontos de socorro e preparo para novas experiências que terão pela frente.

Tower Hamlets, Londres.

Em um pequeno quarto de uma casa simples, Mia convalescia em uma cama de lençóis brancos já encharcados de suor. Seu sono era constantemente interrompido pelas dores agudas que vinham do estomago enfermiço. Na sala ao lado, duas enfermeiras conversavam enquanto dividiam uma caneca de café;

- Acredito que não passará desta noite. Piorou muito nas últimas semanas.

- Espero que a tia consiga vê-la a tempo.

O gemido de Mia chegava até a sala, interrompendo o

momento de descanso improvisado.

- Precisamos aumentar a medicação.
- Mais? Creio que não seja prudente.
- Não vejo outra maneira de atenuar seu sofrimento; ela ainda sente dor.

O rosto de Mia, pálido e lânguido, contraía-se quase que involuntariamente.

- Está tão abatida e ainda preserva a beleza nas feições.
- Por que será que não se casou? Que não teve filhos? Por que acabar desse jeito, dependendo da caridade de um parente distante...
- Triste... a morte lhe será uma benção.

Naquele momento, um foco de luz intenso surgiu no canto do quarto escuro. Charles e Adolph chegavam para o momento crucial.

A presença dos benfeitores não causava qualquer efeito nas enfermeiras, que manipulavam a medicação enquanto conversavam.

-Em breve nossos irmãos chegarão para o trabalho do desenlace. Vamos iniciar o processo com a ação benéfica da doação de fluídos que a ajudará no entorpecimento da consciência.

- Claire virá com eles?
- Sim. Teve autorização para estar conosco.

Com a ajuda da medicação dada pelas enfermeiras e a ação dos fluídos sobre o sistema nervoso central, Mia experimentou um refrigério quase milagroso. Sua expressão de dor dava lugar a feições serenas e seus punhos cerrados se abriam lentamente. Não demorou para que Charles e Adolph ficassem a sós com a enferma. O trabalho da aplicação de passes continuou por mais alguns minutos, até que Claire e mais quatro espíritos amigos adentraram o cômodo.

Adolph se afastou do leito e foi ao encontro do pequeno grupo.

- O momento está propício para o trabalho. Nossa irmã está pronta para deixar o corpo físico.

Após a fala firme de Adolph, Claire se aproximou do leito. Estava comovida sem se deixar dominar pela emoção desenfreada.

Os espíritos iniciaram o processo de desligamento de Mia, aplicando passes para desativar os chakras.

Enquanto os espíritos trabalhavam, Charles e Adolph lhes davam suporte e Claire, com as mãos sobre a fronte da irmã, se mantinha firme na

prece.

Em algumas horas, o último chakra, situado no alto da cabeça, começava a ser desligado. Um pequeno raio luminoso, como um resquício de energia, podia ser visto pelos obreiros desencarnados. Os últimos laços foram desligados do cérebro de Mia e seu espírito pôde pairar sobre seu corpo físico imóvel.

Claire sustentou Mia em seus braços, encaixando-a em um abraço emocionado de boas-vindas. - Está de volta, minha irmã!

Entorpecida, Mia estava à parte de tudo o que lhe cercava. Os espíritos continuaram o trabalho no corpo recém falecido, enquanto Claire amparava com carinho o espírito recém liberto. Findada a primeira parte do trabalho, Charles e Adolph se juntaram às irmãs e seguiram para Dawn, enquanto os demais permaneceram junto ao corpo até que toda o fluido energético se consumisse, concluindo o desligamento de forma definitiva.

Mia foi levada para um centro de reabilitação temporário, chamado de centro de apoio. Era como um posto de emergência na Terra, onde receberia os primeiros cuidados. A acomodação era ampla e abrigava em torno de vinte desencarnados na mesma situação.

Os leitos guardavam certa distância entre si e eram observados por espíritos designados especialmente para este fim.

Do lado de fora, Claire e Charles conversavam.

- Não imagina a alegria que senti ao saber que poderei acompanhá-la em sua recuperação. Serei eternamente grata.

- Fez por merecer tal oportunidade. Aprenderá muito com essa missão. Poderá acompanhar o despertar de Mia e ambientá-la em sua nova realidade até que esteja pronta para o retorno.

- Espero que este retorno não seja breve. Ficamos tanto tempo separadas...

- Seu sentimento é compreensível, mas não se esqueça que acima de nossos desejos está a necessidade imperiosa de nos desfazermos dos enganos que nos prendem à dolorosas experiências.

Claire baixou a cabeça, desalentada. - Ainda tenho muito que aprender.

- Observe mais e queira menos. Assim estará no caminho certo.

Claire sorriu resignada. Charles prosseguiu; - Anime-se! Há muito trabalho pela frente! Ocupemo-nos!

Claire era uma das ajudantes do “Seeds of hope”, um instituto que preparava crianças desencarnadas para o regresso à Terra. Com a permissão de acompanhar Mia em sua nova jornada, Claire ficaria afastada de suas funções no instituto até que a irmã já estivesse adaptada a nova vida na colônia.

No centro de apoio, Mia descansava como se estivesse sob o efeito de uma anestesia que começava a perder o efeito. Alternando entre a consciência e o sono, abria os olhos sem conseguir registrar com exatidão o que lhe cercava. Charles a visitava com frequência e já começava a se dar conta de que o despertar estava próximo. Solicitou a presença de Claire para o momento tão esperado.

Um mês e dez dias após deixar o corpo de carne, Mia despertava para sua nova vida.

Claire e Charles acompanharam o momento sublime.

As feições de Mia guardavam uma suave expressão de quietude. Aos poucos, seus olhos se abriam, desta vez com mais firmeza, vislumbrando o ambiente claro e simples.

Mia começava a se dar conta de si própria e sentiu falta da presença incômoda da dor no estômago e da fadiga que lhe acompanharam em seus últimos anos.

Ao se lembrar dos momentos dolorosos, uma pontada certa no abdômen começava a surgir. Percebendo a mudança em seu semblante, Charles se aproximou para aplicar alguns passes na região outrora afetada.

Claire se aproximou emocionada; - Minha irmã, acalme seus pensamentos, está livre de suas amarras.

Mia olhou para o rosto de Claire e sentiu um bálsamo invadir sua alma, não tinha palavras para expressar toda a alegria que seu coração experimentava. Uma lágrima singela correu pelo rosto abatido. Claire prosseguiu; - Ficaremos juntas novamente e farei o que for possível para vê-la melhor.

Terminados os passes, Charles segurou a mão de Mia com ternura; - Seja bem-vinda de volta, minha irmã. Como se sente?

- Onde estou?

Charles prosseguiu;

- Está no centro de apoio da colônia. Precisa recuperar suas forças para então seguir com sua nova vida.

- Claire? Por que está aqui? - Mia dirigiu seu olhar ainda confuso para a irmã.

- Estou em nossa verdadeira morada, o lugar onde todos voltamos após nossa jornada na Terra.

- Estou morta?

Charles sorriu; - Sente-se morta?

- Em realidade, não...

- Como bem disse Claire, sua jornada na Terra terminou, mas continua viva como antes, apenas não tem mais seu envoltório carnal.

- Me sinto confusa... me lembro de coisas da infância, depois me vem à mente os remédios, as dores... Como se não houvesse nada entre uma coisa e outra. Sinto-me perdida...

- É natural. Terá todo o tempo para se restabelecer. Por enquanto permanecerá aqui, onde receberá os cuidados de que necessita.

- Está bem.

- Preciso ir. Claire ficará um pouco mais com você.

Charles deixou as irmãs a sós. Claire acarinhou a fronte da irmã com ternura;

- Tudo acontecerá naturalmente. Agora precisa descansar.

- Por que ainda me sinto tão exausta?

- Não deixamos as impressões do corpo tão facilmente e no seu caso, ainda é uma recém-chegada, tais impressões ainda se fazem mais fortes. Feche os olhos e durma, é tudo o que precisa no momento.

Mia respondeu com um sorriso discreto.

Após duas semanas de sono profundo, Mia estava pronta para o seu despertar definitivo.

Claire e Adolph velavam o sono da nova moradora de Dawn, quando seus olhos se abriram. Desta vez, Mia pôde observar os poucos objetos ao seu redor; uma singela mesinha de cabeceira e um quadro com uma pintura que não conseguia decifrar. Olhou para Claire e se sentiu confiante para permanecer com os olhos abertos. Seu coração experimentou uma sensação que já conhecia; como na primeira vez que foi à escola e se viu diante de uma realidade desafiadora e inevitável. Olhou para Adolph e esperou que o homem de pele muito clara e cabelos grisalhos se apresentasse.

- Como se sente, Mia? Noto que está bem mais disposta. Me chamo Adolph e junto com Charles cuidamos de sua encarnação. Ainda não se

lembra de mim, mas já somos grandes amigos.

- Tem razão, não me lembro.

- Estivemos juntos antes do seu nascimento na Terra e em alguns momentos de seu sono para lhe dar algumas instruções.

- Me acompanhou durante toda a minha vida?

- Sim.

- Gostaria de me lembrar dela.

- Se lembrará. Agora o que acha de um passeio pela colônia?

Mia olhou para a irmã, buscando uma opinião segura; - Vamos, Mia. lhe fará bem caminhar pelos jardins.

Os jardins de Dawn foram projetados por alguns dos fundadores da colônia. Espíritos com as mesmas inclinações artísticas e com afinidades nas questões sensíveis da existência. As folhas eram grandes e viçosas. O verde era de um tom único, como se fora misturado com um tipo de branco perolado que lhe dava certa luminosidade. Em Dawn, as folhas exalavam um perfume de terra molhada que se misturava ao frescor das flores. E havia flores de todas as cores e tamanhos, porém, as amarelas prevaleciam. Tinham aspecto muito parecido à flor copo de leite da Terra, porém pouco maiores.

Adolph acompanhou as irmãs até a parte externa do pequeno edifício e depois seguiu para suas obrigações rotineiras. O céu azul e a brisa fresca invadiram os sentidos de Mia como se um suave refrigério lhe invadissem a alma. Respirou fundo e se demorou naquela contemplação por alguns segundos,

- Que lugar lindo, jamais havia visto algo assim.

- Como se sente?

- Me sinto bem. Apenas uma sensação estranha, sinto falta de algo que ainda não sei bem o que é.

- São suas lembranças batendo em sua porta. Não tenha medo de abri-la.

- Não terei. Claire, se não se importa, gostaria de ficar um pouco sozinha.

- Está certa disso?

- Sim, não se preocupe. Você tem razão, sinto como se minhas lembranças estivessem prontas para me revelarem minha história, talvez por isso penso que preciso ficar um tempo só.

- Eu entendo. Vou deixá-la caminhando pelos jardins, estarei no prédio

ao lado, se precisar de mim, sabe onde me achar.

- Estou feliz que estejamos juntas novamente,

- Eu também minha irmã. Muito feliz. – Claire e Mia se despediram com um abraço.

Mia caminhou timidamente por entre as árvores frondosas. Olhava tudo à sua volta com a curiosidade de uma criança que via o mundo pela primeira vez. Viu pessoas indo e vindo, rostos que não conhecia, mas que lhe transmitiam paz e serenidade. Avistou um pequeno banco de pedra, adornado com pequenas flores lilás. Se sentou para olhar o pequeno lago a sua frente. Assim como na Terra, o sol iluminava a colônia transmitindo energia a tudo que tocava. Do outro lado do lago, Mia avistou um casal que passeava de mãos dadas. Seu coração experimentou uma sensação de plenitude que a fez fechar os olhos para mergulhar naquela atmosfera de contentamento que a preenchia.

Sem que pudesse controlar seus pensamentos, imagens aleatórias começaram a surgir na sua mente.

As ruas de Londres estavam ali, diante de seus olhos, Mia caminhava apressadamente pela calçada até que chegou à uma pequena loja. As portas estavam abertas e pessoas já circulavam pelo estabelecimento simples, porém bem decorado. Um senhor calvo, de bigode e suspensórios, atendia no balcão.

- Me desculpe, senhor Thompson, tive que resolver um problema.

Prometo que não voltará a acontecer.

- Espero que não, senhorita, Mia. Esse mês já é o quinto atraso.

- Me desculpe. Vou colocar o avental.

Mia entrou em um pequeno quarto nos fundos da loja. Tirou de um gancho enferrujado seu avental preto e o vestiu diante de um pequeno espelho pendurado na parede. Ajeitou os cabelos e voltou para a frente da loja onde alguns clientes já aguardavam para serem atendidos.

Após servir uma xícara de chocolate quente para um casal, Mia voltou a atenção para um rapaz que aguardava do lado esquerdo do balcão; - Pois não? O que deseja?

- O que me sugere? Terei um dia bem difícil hoje.

- Posso lhe sugerir um pedaço de bolo de chocolate.

- Você faz os bolos aqui?

- Não, senhor. Os bolos são feitos pela esposa do Sr. Thompson.

- Por favor, sem o `senhor`.

Mia sorriu; - Os bolos não são feitos por mim.

- Deixe-me me apresentar, me chamo John.

O rapaz estendeu a mão e Mia retribuiu o gesto; - Sou Mia.

O toque suave das mãos de John desconsertou a postura distante que Mia tentava manter.

O sorriso encantador do rapaz de cabelos pretos e olhar firme foi ficando cada vez mais distante. As paredes verde-musgo da loja de doces foi dando lugar ao lago cor de prata. A brisa fresca e o perfume das flores voltavam a tocar a face de Mia.

“John”. Aquele nome ainda ecoava em sua mente confusa. Mia tentou se concentrar nos detalhes da loja de doces e no rosto de John para que mais imagens surgissem em sua mente, mas não teve sucesso. Apesar da frustração, ficou feliz pelo pequeno progresso. Já tinha algumas peças para começar a montar seu enorme quebra-cabeças.

Respirou fundo e parou os olhos nas folhas que se moviam pelo vento. Tentou manter a mente vazia de qualquer lembrança. Ficou ali sentada por algum tempo. Quando percebeu que seu equilíbrio havia voltado, resolveu conhecer um pouco mais da colônia, seu mais novo lar.

Depois que deixou os imponentes jardins, Mia começou a andar por um caminho de pedras brancas cercado por pequenas casas, todas exatamente iguais. Parou por um momento para admirar a arquitetura simples e instigante. Foi surpreendida por uma voz doce; - Procura alguém?

- Não, estava apenas caminhando e achei interessante o desenho das casas.

- É a primeira vez que passa por aqui? – A moça de longos cabelos loiros perguntava em tom ameno.

- Sim, é a primeira vez.

- Entendo, checou a pouco na colônia, estou certa?

Mia assentiu com um sorriso discreto; - Sim.

- Se quiser posso leva-la para conhecer as outras casas.

- Você mora aqui?

- Sim. Moro com meu pai. Minha mãe voltou à carne há alguns meses.

O cansaço de Mia começava a afetar seu bem-estar e achou prudente voltar para o centro de apoio; - Adoraria conhecer um pouco mais, porém ainda me sinto um pouco fraca. Não faltará oportunidade.

- Descanse o quanto puder. Com o tempo sua vitalidade estará de volta.

A propósito, sou Brigitte.

- Muito prazer, Brigitte, sou Mia.

- Não se preocupe, Mia. A readaptação à vida verdadeira é sempre cheia de incertezas, mas está acolhida e permanecer assim requer que consiga manter sua mente longe de devaneios inúteis...

- O que quer dizer?

- Nosso desequilíbrio pode nos levar a lugares onde a benesse dos mentores não consegue atuar de forma efetiva.

- Já estive em lugares assim?

Brigitte deu um longo suspiro; - Sim...

Percebendo o semblante de tristeza de Brigitte, Mia resolveu mudar o rumo da conversa; - Mas está aqui agora e isso é o que importa, não é? Me desculpe, tenho que ir, voltarei para que me mostre mais da colônia, se puder.

- Será um prazer, Mia!

Mia se despediu da nova amiga com um sorriso afetuoso. Voltou para o centro pensando nas palavras de Brigitte. Quantas coisas para aprender... ou para se lembrar.

Olhou para o céu pela janela entre aberta e notou o brilho do sol intenso. Aproveitou a presença de uma das colaboradoras que passava para esclarecer sua dúvida; - Com licença, gostaria de fazer uma pergunta.

- É claro, Mia. Sou Evelyn. O que quer saber?

- Reparei que o céu aqui é como na Terra. Como isso é possível?

- Estamos bem próximos da Terra. Nós e todas as outras colônias de mesmo teor vibratório. Especificamente, Dawn está acima de Londres. Dia e noite são iguais aqui e lá.

- Entendo...

- Como se sente?

- Cansada. Fraca.

- Vou trazer sua sopa.

- Sopa?

- Sim, precisa de fluidos e ainda não sabe como retirá-los sozinha do éter universal. Mas não se preocupe. A maioria dos habitantes da colônia ainda necessitam de tais recursos.

Mia agradeceu a singela explicação e se deitou em seu leito, aguardando o alimento revigorante de que tanto precisava naquele momento, Após a “refeição”, Mia começou a ser tomada por uma sensação

entorpecente diferente da prostração que a acometia anteriormente. Era como se, desta vez, precisasse do sono, não por causas enfermigas, mas para trazer à tona uma força que ela já começava a vislumbrar, ainda que de forma discreta.

Fechou os olhos e se entregou ao sono restaurador.

Após algum tempo, as imagens da loja do Sr. Thompson voltavam em sua mente.

Mia terminava de arrumar algumas xícaras nas prateleiras atrás do grande balcão enquanto Sr. Thompson fechava as portas da loja. De costas, Mia ouviu uma voz conhecida. Se virou para confirmar sua suspeita. Com a porta entre aberta, Sr. Thompson fez o anúncio; - Senhorita Mia, tem um rapaz lhe aguardando. Assim que terminar com as louças pode ir. Até amanhã, certifique-se de que fechou bem as portas.

O coração de Mia batia acelerado; - Sim, senhor. Até amanhã.

Não demorou para que Mia terminasse sua tarefa. Tirou o avental com pressa e foi ao encontro de John, que a esperava do lado de fora da loja.

- Por que não entrou?

- Não quis atrapalhar seu trabalho.

Mia sorriu encabulada.

- Eu fecho a porta. – John se antecipou em baixar o que faltava da grande porta da entrada.

Seguiram pela calçada lado a lado, enquanto a lua brilhava no céu, iluminando a noite especial.

- Pensei em nos sentarmos um pouco para conversar. Conheço um restaurante muito bom, bem próximo daqui o que acha?

- Sim, pode ser.

Assim foi feito. Em alguns minutos, estavam sentados em um charmoso restaurante de esquina. John tentou deixar Mia pouco um mais à vontade; - Está nervosa?

- Um pouco...

- Ficou surpresa com meu convite?

- Não muito, já conversamos na loja, afinal.

- É verdade, mas não do jeito que eu gostaria.

O rosto alvo de Mia corou rapidamente; - O que quer dizer?

- Queria estar a sós com você.

Diante da revelação de John, Mia tomou coragem para expor seus

sentimentos; - Eu também.

- Quero lhe buscar todos os dias.

- Iria gostar muito,

John viu nas palavras doces de Mia, a deixa para realizar seu desejo contido. Segurou suas mãos e se aproximou devagar. Ainda algo tímido, John beijou Mia com carinho e ela retribuiu.

Conversaram sobre suas vidas pelo resto da noite. John havia sido criado por sua avó, que faleceu quando este tinha treze anos. Se vendo diante de um mundo cheio de desafios, John começou a fazer alguns bicos para sobreviver, até conseguir trabalho em uma fábrica de tecidos, emprego que mantinha até aquela data.

O relato de Mia não foi muito diferente. Seus pais morreram quando ainda era criança, ficando à cargo de Claire, sua irmã mais velha, a responsabilidade de terminar de criá-la. Com a morte precoce da irmã pela mesma doença que havia acometido a seus pais, Mia se viu sozinha no mundo aos dezoito anos. A única referência que tinha de família, era uma tia de segundo grau que morava na mesma rua que a sua.

A afinidade que os unia ia além do passado desditoso. Queriam ter sua própria família e viver cercados do amor que usufruíram por tão pouco tempo.

Saíram do pequeno restaurante de mãos dadas. Não estavam mais sozinhos no mundo. Tinham um ao outro.

As lembranças dos encontros recorrentes com John se tornavam cada vez mais claras. Faziam planos e se divertiam juntos, até que John a pediu em casamento. Mia pensou que talvez seu coração ainda não estivesse pronto para o compromisso, mas a segurança que sentia ao lado de John a fez aceitar o pedido.

Sentindo um toque suave nas mãos, Mia abriu os olhos lentamente. Sua consciência estava de volta ao leito.

Os olhos de Claire buscavam carinhosamente a atenção da irmã; - Mia, acorde! Trago uma boa notícia!

Aos poucos, Mia voltava a realidade que a cercava; - Claire... O que houve?

- Vou levar você ao Instituto onde trabalho, o que acha?

- Acho ótimo. Vou gostar muito de conhecer. Quando vamos?

- Me parece que está bem mais fortalecida. Sente-se bem para irmos?

- Sim, me sinto bem melhor.

Mia sentia -se com mais vigor, como se suas forças voltassem em ritmo bem mais acelerado, porém, em seu coração havia uma mistura de contentamento e tristeza. E Mia não pensou duas vezes em compartilhar de suas emoções com a irmã; - Claire, me lembrei de John.

Claire recebeu a notícia com entusiasmo; - Que alegria, Mia! Não te disse que suas lembranças voltariam pouco a pouco?

- Onde ele está?

A expressão de alegria de Claire deu lugar a um rosto preocupado.

- Claire... Não tenho lembranças dele em meus últimos dias. Nos casamos?

Sem que fosse notado, Charles se aproximou do leito e se colocou ao lado de Mia; - Vejo que já está fortalecida e que já está recuperando suas lembranças.

- Sim, mas tenho algumas perguntas.

- Ao longo desse processo terá muitas perguntas. De fato, temos as respostas de que precisa, mas sabemos que quando se sabe de sua própria história através de outras pessoas, os resultados são desastrosos. É uma recém chegada e primamos por seu equilíbrio. Esse é um desafio que precisamos abraçar juntos. Cada um com a parte que lhe cabe. Se conseguir se manter em paz, naturalmente as respostas virão.

Mia respirou fundo. Se levantou e com um tom de conformidade, respondeu ao mentor; - Tentarei fazer minha parte, então.

- Claire, nossas colaboradoras do Instituto estão aguardando vocês.

- Obrigada, Charles.

As irmãs seguiram em direção ao Instituto. Mia não fez nenhuma pergunta sobre seu passado, mas antes de entrarem no prédio, Claire se dirigiu a irmã; - Mia, sua história se revelará a você antes mesmo de que se dê conta. Não se angustie desnecessariamente.

Mia sorriu e abraçou a irmã como um gesto de agradecimento.

Assim que entraram no Instituto, duas crianças correram para abraçar Claire. Uma delas, um menino de aproximadamente seis anos, demonstrava imensa alegria; - Onde estava? Pensei que não voltaria mais!

- Por que faria isso? Disse que me ausentaria por uns tempos para cuidar de um assunto importante!

- Mas disse também que não ficaria muito tempo sem nos ver.

Claire sorriu com a espontaneidade do menino; - Veja, Mia, esse menino esperto é Mathew. Mathew, essa é Mia, minha irmã.

- Oi Mia.

- Olá, Mathew.

- E essa linda mocinha é Samantha.

- Oi, Samantha. Vocês moram em um lugar muito bonito.

As crianças sorriram afetuosas. O Instituto “Seeds of Hope” abrigava crianças que desencarnaram em situações diversas e que aguardavam a próxima oportunidade de voltar à novas experiências terrestres. Mia se encantou com o lugar simples que irradiava amor em cada sorriso daqueles que, por trazerem pouca bagagem emocional de sua última encarnação, tinham o coração leve e o pensamento puro.

Mia leu algumas histórias e conversou com os pequenos cidadãos de Dawn.

Depois de um tempo, se sentou para observar a alegria de Claire no trato com as crianças e como um filme, imagens voltavam a surgir em sua mente. Mia se desligou do ambiente a sua volta e se entregou às recordações que pouco a pouco lhe dominavam.

Em alguns segundos, se via de volta à loja.

Sr. Thompson lhe ajudava com a reposição de alguns produtos. Quando a tarefa terminou, o chefe se sentou em uma das cadeiras, visivelmente exausto; - Senhorita Mia, sente-se um minuto por favor.

Mia obedeceu, estranhando sua postura preocupada.

- Ando bastante cansado. Minha esposa pediu que eu procurasse meu médico e após uma consulta, ele insistiu que eu ficasse em casa por um bom tempo. Amanhã Jessie assumirá meu lugar. Você já o conhece, já estive à frente da loja há quase dois anos, quando me ausentei devido à minha internação. Lembra-se?

Mia tentou disfarçar seu desconcerto. Se lembrava bem da ocasião em que sr. Thompson precisou se afastar para um pequeno procedimento cirúrgico e que seu filho Jessie assumira seu lugar.

- É claro que me lembro. Sinto muito, Sr. Thompson, espero que se recupere logo.

- Eu também, senhorita. Eu também. A partir de amanhã, não virei mais. Jessie abrirá a loja e como sempre fazemos, a senhorita fecha. Será assim todos os dias.

Mia assentiu e voltou ao trabalho com um nó no peito que demorou a se desfazer.

Não tardou para que a imagem de Jessie surgisse em sua mente, fazendo com que suas lembranças se desenrolem sem muito esforço.

Apesar de ser o filho mais velho de Sr. Thompson, Jessie era apenas um pouco mais velho que Mia. Sem que se desse conta, Mia começava a se lembrar do dia em que viu Jessie pela primeira vez. Seu Thompson os apresentava em uma manhã de segunda-feira.

- Senhorita, esse é meu filho Jessie. Ele ficará em meu lugar até que me recupere de minha cirurgia. Não se preocupe, ele é um rapaz estudado e saberá conduzir bem os negócios.

- Prazer, Mia.

Mia sorriu de forma tímida. – Igualmente.

Mia não sabia explicar a razão, mas os olhos de Jessie lhe transmitiam confiança. A ausência de Sr. Thompson não foi sentida. Jessie de fato dava conta de todas as questões da loja e ajudava Mia em suas funções, apesar da negativa constata da funcionária.

- Não precisa se ocupar com isso, senhor Jessie.

- Eu paro de lhe ajudar se você parar de me chamar de senhor. Já lhe disse que me sinto velho quando me chama assim.

- Está bem. Combinado então.

- Apesar de que não me importo em lavar algumas xícaras de vez em quando.

- Já tem muita coisa para fazer, se... Jessie.

- Tudo está sob controle. Inclusive ia lhe perguntar se quer tomar um chocolate quente comigo quando fecharmos a loja.

- Preciso chegar em casa no horário, tenho algumas coisas para colocar em ordem.

- Fechamos a loja mais cedo, então.

- Não acho correto.

- Mia, por favor. Não fuja de mim. Do que tem medo?

- Não tenho medo, é que o se... você é meu chefe e não acho apropriado.

- Não sou seu chefe. Meu pai é. Por favor... um chocolate apenas.

- Está bem. Agora me deixe trabalhar.

Jessie voltou para o caixa com um sorriso estampado no rosto. Apesar da distância que queria impor, Mia tinha dificuldades em não deixar transparecer o interesse que sentia pelo filho de seu patrão. Desde que Jessie assumiu a loja, Mia se via constantemente tentando se convencer da diferença que os separava, mas cada gesto cuidadoso de Jessie fazia cair por terra toda a sua tese de defesa.

Como havia dito, Jessie fechou a loja duas horas antes. Preparou sozinho uma mesa redonda com uma toalha branca e algumas rosas vermelhas.

- Sente-se, senhorita. Vou nos servir.

Mia obedeceu. Já não conseguia esconder o encanto que sentia.

Jessie trouxe um bule de chocolate quente e alguns croissants. Se sentou e enquanto colocava o chocolate na xícara, olhava Mia com profunda admiração, e foi correspondido.

- Veja só. Já ia me esquecendo. – Jessie se levantou e colocou um disco na pequena vitrola. Uma música suave começou a tocar.

- Espero que goste da música.

- É muito bonita.

Jessie observava Mia, enfeitiçado. – Nunca conheci uma mulher tão linda como você.

- Duvido. Deve ter viajado muito e conhecido muitas mulheres.

- Sem dúvida, conheci muitas. Mas nenhuma como você.

- É sempre tão galanteador?

- Não... é que você me inspira.

- Onde quer chegar, Jessie?

- Sei o que pensa, Mia. Que sou um cara rico que gosta de aventuras.

Compreendo sua incredulidade. Mas não quero conseguir nada de você.

Quero apenas lhe fazer o mesmo bem que me faz. Gosto de estar perto de você. Me faz sentir em casa.

- Fico feliz que se sinta assim.

Jessie se levantou e tirou Mia para dançar. O coração de Mia batia acelerado. A cada passo, se deixava entregar um pouco mais.

Jessie era sincero quando falava de seus sentimentos por Mia. De fato, havia entendido, no momento em que foram apresentados, que estava diante de emoções que jamais havia sentido antes. Com carinho, Jessie entrelaçou seus dedos aos dedos de Mia. Dançaram de mãos dadas por um

tempo, até que Jessie tocou seu rosto suavemente, enquanto se aproximava ainda mais. Olhando firme em seus olhos, tocou suavemente seus lábios aos dela. Sem forças para resistir, Mia retribuiu o beijo apaixonado.

Desde aquele dia, Mia e Jessie passaram a se encontrar fora da loja todos os dias, inclusive nos fins de semana. Praias, restaurantes, praças. Dormiram juntos diversas vezes e em outras, passavam as noites em claro conversando sobre a infância que viveram ou sobre o futuro que esperavam. Com a volta do sr. Thompson, os encontros continuaram as escondidas, até o dia em que tudo começou a mudar. Foi em uma tarde de domingo na casa de Mia. Depois que fizeram amor, Mia e Jessie dividiam um sorvete em frente a televisão, quando o assunto surgiu.

- Jessie, na sexta-feira seu pai comentou que você foi convidado a fazer um curso em Nova York. É verdade?

Jessie se endireitou no sofá, como se precisasse se preparar para uma resposta.

- Eu ia conversar com você sobre isso hoje, estava tomando coragem.

- Por que precisa de coragem?

Jessie deu um longo suspiro.

- O que está havendo, Jessie?

- Meu pai lhe disse a verdade. Farei um curso em Nova York.

- E quando será esse curso?

- O curso começa semana que vem.

- Semana que vem? E me contaria hoje?

- Mia, não foi fácil para mim tomar essa decisão. Penso nisso todos os dias.

- Quanto tempo vai levar lá?

- Um ano.

Mia se levantou e levou as taças para a cozinha.

- Mia, onde vai? Não terminamos a conversa.

- A conversa que eu comecei por acaso? – Mia parou na porta da cozinha.

- Estava buscando um meio fácil de falar uma coisa tão difícil. Vem cá, Mia. Por favor.

Mia largou a louça sobre a pia e voltou para a sala.

- O que posso dizer, Jessie? É seu futuro. Está certo em ir. Se de fato o que existe entre nós for verdadeiro, tudo estará intacto quando você voltar.

- Essa é a questão. O que de fato está acontecendo entre nós?
- O que quer dizer, Jessie?
- Não quero mentir para você, Mia. Não fui convidado para o curso. Me inscrevi por livre vontade.
- O que?
- Não é um curso importante, não vai mudar minha vida profissional em nada. Me inscrevi nesse curso porque precisava pensar.
- Pensar? Pensar em que?
- Em tudo o que está acontecendo. Não consigo mais ter a vida que eu tinha antes de te conhecer. Não tenho mais interesse em fazer nada. Talvez meu pai tenha razão. Precisamos de um tempo para sabermos o que de fato significamos um para o outro.
- Seu pai sabe de nós?
- De alguma maneira, descobriu que nos vemos. Ele gosta de você, Mia. Não se opôs. Apenas sugeriu que tenhamos certeza do que queremos antes de nos envolvermos tanto.
- Sei. Gosta de mim como sua funcionária, não como namorada de seu filho.
- Mia, não leve para esse lado, por favor.
- Jessie, seu pai está certo. Precisamos respirar. Vá para Nova York. Vá viver sua vida.
- Mia, isso não é um ponto final. Não quero que se magoe comigo desse jeito.
- Vai embora, Jessie. Preciso ficar sozinha e pensar em tudo isso. Por favor, tenho esse direito também, não acha?
Jessie se levantou e se vestiu, visivelmente abatido.
- Quero ver você antes de viajar.
- Melhor não. – Mia se levantou e caminhou até a porta.
Jessie a seguiu. – Mia, acho que esse tempo vai ser bom para nós.
- Você deve estar certo. – Mia abriu a porta.
- Mia... - Jessie segurou seu rosto, alcançando seus olhos tristes. –
Nunca se esqueça que eu amo você. Não importa o que aconteça.
Os olhos de Mia se encheram d'água. - Boa viagem, Jessie.
As lembranças daquela tarde rapidamente avançaram para o dia em que Mia teria que ver Jessie novamente, diante de um novo afastamento de seu chefe.

Naquela manhã, Mia entrou na loja e viu o filho do Sr. Thompson sentado no caixa. Jessie não havia mudado muito. Ainda trazia o sorriso carinhoso de sempre.

Mia o cumprimentou de forma contida. – Bom dia.

- Quanto tempo, Mia. Como vai?
- Vou bem e você?
- Bem também.
- Que bom.

Jessie perdeu o tom cordial que iniciou a conversa. – Ainda está magoada comigo?

- Não devíamos falar sobre isso, Jessie. É passado. Deixe onde está.

- Cheguei dos Estados Unidos há um mês. Quis procurar você na primeira semana, mas soube que meu pai teria que se afastar e que esse dia chegaria de qualquer maneira.

- A viagem lhe fez muito bem.
- Sim, eu também acho. Me fez ver muitas coisas.
- Fico feliz por você.
- Sentou minha falta?
- Jessie, não quero ter essa conversa com você.
- Pensei em você todos os dias.
- Imagino que sim.
- Me custou muito me afastar de você.
- Não foi o que pareceu.

- O que queria que eu fizesse, Mia? Não estava certo do que havia entre nós. Nunca havia me interessado por alguém daquele jeito. Estava confuso demais.

- Não estou pedindo explicações, Jessie. Como disse, foi melhor. Um tempo longe nos faz ver melhor as coisas. Hoje vejo que tinha razão.

- Me afastar de você só me fez ver o quanto quero você por perto.

- Jessie, estou noiva e muito feliz. Deixe o passado onde está. Com licença, vou me arrumar.

Jessie não teve palavras para argumentar. Se sentiu profundamente atingido pela revelação que acabara de ouvir.

Enquanto colocava o avental, Mia ouviu uma voz suave lhe

chamar; - Mia...

Mia estava diante dos olhos de Samantha, que insistia com certa euforia; - Mia! Venha, precisamos de mais uma pessoa para a próxima brincadeira!

Mia se levantou e seguiu para a pequena roda, ainda atordoada com o que suas lembranças acabavam de lhe mostrar. As lembranças de Jessie, apesar de revelarem um momento de profundo empasse emocional, lhe causavam profunda alegria. Sentia-se plena novamente. Seu vigor voltava com mais força. O que teria acontecido? Entendia o teor de seus sentimentos, mas quanto a John? A plenitude de suas emoções, facilmente eram substituídas pela angústia da ausência de respostas. Se lembrou das palavras de Charles e tentou mudar o foco dos seus pensamentos. Sabia que precisaria de equilíbrio para que continuasse a redescobrir a própria história.

Passou o dia tentando se harmonizar para que que mais lembranças ressurgissem, mas foi somente enquanto assistia a um concerto de piano, já no fim da tarde, que conseguiu ter de volta mais lembranças de sua vida em Londres.

Jessie contava dinheiro no caixa, quando Mia precisou fazer um breve anúncio; - Jessie, gostaria de lhe perguntar se posso sair um pouco mais cedo amanhã para resolver um problema particular.

- Claro que pode. Posso te ajudar em alguma coisa?

Mia se esforçou para manter a postura distante; - Não se preocupe. Não se trata de nada grave.

- Por que não me olha quando nos falamos?

- Pensei que já havíamos concordado que não conversaríamos sobre isso.

Um cliente interrompeu o momento.

Mia se preparava para levar uma xícara de café para a mesa quando deixou a porcelana cair de suas mãos. Jessie correu para ajudá-la a catar os cacos do chão.

Em determinado momento, Jessie segurou a mão de Mia, que a retirou com pressa, levantando em seguida.

O clima seguiu tenso até o momento de fechar a loja.

A presença de Jessie era perturbadora. Mia se lembrava dos momentos que vieram depois daquela noite em que tomaram chocolate quente e

dançaram na loja fechada. Momentos intensos que compartilharam em segredo, principalmente após o retorno de sr. Thompson.

Apesar de terem vivido vidas tão diferentes, compartilhavam as mesmas ideias e opiniões sobre quase tudo. Eram inseparáveis, até o dia do anúncio de sua viagem para Nova York. Apesar de profundamente magoada, Mia olhava para Jessie e ainda via o homem carinhoso e amigo pelo qual havia se apaixonado e seu compromisso com John esbarrava naquelas lembranças ternas e perturbadoras.

- Pode ir, Jessie. Fecho a loja como sempre.

- Vi que cortou a mão na xícara. Por que não me deixa cuidar de você?

- Já fiz um curativo. Não é necessário.

Percebendo que Mia continuaria o evitando, Jessie se aproximou, segurando suas mãos.

- Me desculpa por ter te magoado tanto, Mia. Pior do que ficar sem você é te saber que te causei tanto mal.

- Acredito em você. Sei que sua intenção não era a de me fazer mal algum.

- Me perdoa, então?

- Perdoar você não muda as coisas.

- Me faz sentir menos infeliz.

- Eu perdo, Jessie.

- É tão difícil ver você e não poder falar sobre minhas coisas, não poder tocar em você. Não sabe o quanto.

O coração de Mia batia acelerado. Sim, ela sabia.

- As coisas mudaram, Jessie. Amo meu noivo. Consegue entender?

- Eu sei...

- Atitudes trazem consequências. Temos que conviver com elas.

- Está feliz?

- Sim, estou.

Jessie se demorou por um tempo nos olhos de Mia, que soltou suas mãos.

Quando se deram conta, John entrava na loja, interrompendo a marcha ao se deparar com a cena inusitada.

Mia foi ao seu encontro, visivelmente constrangida, enquanto Jessie juntou seus pertences e deixou a loja.

- Por que está com essa cara, Mia? E quem é esse sujeito?

- Ele é o filho do Sr. Thompson. Lhe disse que se afastaria por ordens médicas e que seu filho ficaria em seu lugar.

- E já são tão íntimos?

- Do que fala?

- Vi a maneira como se olhavam, como se já se conhecessem muito bem. O que está acontecendo que desconheço?

Mia pensou em contar sobre sua história com Jessie, mas teve medo de que as coisas piorassem ainda mais.

- Por favor, John. Escute o que está dizendo. Ele está perturbado pelo pai, parece que sr. Thompson teve uma piora em seu quadro. Eu estava tentando falar algumas palavras de conforto.

- Não gostei da forma como ele olhou para você. Aliás, não gostei dele.

- Jessie é uma boa pessoa e nunca me faltou com o respeito. Está imaginando coisas.

- Vamos sair daqui.

Mia suspirou fundo.

Suas lembranças já a visitavam com mais facilidade. Já não se desligava do que lhe cercava, conseguia ouvir a música que tocava no imponente salão do Instituto e ao mesmo tempo se concentrar nas imagens que surgiam em sua mente.

Ali, sentada no Instituto de música, Mia ainda podia sentir o desassossego que seu coração experimentava com o olhar colérico de John. O mal-estar causado pelas lembranças recentes contrastava com a alegria que começava a experimentar por ver enfim, sua vida se descortinando de forma cada vez mais clara.

Naquela mesma noite, no Centro de apoio. Mia teve, por fim, todos os registros de sua vida na Terra. Foi no silêncio do grande salão, deitada em seu leito, que as derradeiras imagens de sua vida surgiram sem pressa, trazendo a resposta para todas as suas perguntas.

Era noite de natal, e Mia enfeitava a sala simples com enfeites de todas as cores. A pequena árvore, repleta de lamparinas, iluminava o cômodo, enquanto a neve caía do lado de fora da casa.

E meio a decoração natalina, Mia ouviu a campainha. Desceu da pequena escada para abrir a porta. Era John, que trazia nas mãos uma garrafa de vinho. Se beijaram rapidamente e John entrou na casa desenrolando o cachecol do pescoço, enquanto Mia pegava a garrafa de suas mãos.

- Ainda tenho que passar em casa e tomar um banho, vim apenas trazer o vinho.

Da cozinha, Mia falou em voz alta. – Estou fazendo biscoitos. Acabaram de ficar prontos. Sente um pouco.

John aceitou o convite. – Aceito, mas guarde o vinho para o jantar.

Mia voltou a sala com o prato de biscoitos nas mãos. – Ainda estão quentes.

Se sentou ao lado do noivo, que a beijou com mais calma desta vez.

- Como foi na fábrica?

- O mesmo de sempre. Se o ano que vem for como este, não terei do que reclamar.

- Este ano também foi bom para mim. Não gostaria que nada mudasse.

- Na verdade, eu gostaria que uma coisa mudasse. – John matinha um tom sério.

A expressão tranquila de Mia mudou bruscamente. – Não comece, John.

- Não vou mentir, Mia. Por mim, você larga esse seu emprego amanhã mesmo.

- Não encontro razão para isso.

- Sr. Thompson não vai voltar tão cedo, sabe disso. Até quando vai ter que ficar ao lado daquele... daquele infeliz?

- Não sei porque ainda alimenta essas loucuras na sua cabeça, John. Já lhe disse que Jessie é uma boa pessoa.

- Você que pensa. Ele pode enganar a você, não a mim.

- Está mesmo disposto a estragar a noite de natal com esse assunto?

- Vou para casa. Volto mais tarde.

Mia largou seu biscoito no prato e se recostou no sofá. John bateu a porta profundamente contrariado.

Sem ânimo para continuar decorando os móveis, Mia permaneceu no sofá, pensativa, até que ouviu a campainha tocar novamente. Surpresa com a rápida redenção do noivo, Mia se dirigiu até a porta, incrédula. Só não imaginava que sua surpresa seria ainda maior ao ver Jessie, com um embrulho nas mãos, próximo a soleira da porta.

- O que faz aqui?

- Vim trazer seu presente.

- Não precisava disso, Jessie.

- Está muito frio e vi seu noivo ir embora. O que acha de me deixar entrar só até minhas pernas descongelarem?

Mia pensou por alguns segundos. – Tudo bem, entre.

Mia fechou a porta sem estar segura de que havia tomado a decisão certa.

- Não quer seu presente?

Mia pegou o embrulho e se sentou, convidando Jessie a fazer o mesmo.

- Não vai passar o natal com sua família? – Mia tentava manter a conversa cordial enquanto abria o presente.

- Sim, vou para lá assim que sair daqui.

- Lindo vestido, Jessie, Obrigada.

- Gostou da cor?

- Sim, muito.

- Sabia que ainda era sua cor preferida.

- Jessie...

- Não se preocupe, Mia. Sei que o tempo passou para nós. Eu mereço ver você refazer sua vida. É o preço que tenho que pagar por minhas escolhas erradas. Ter de volta você me olhando sem ressentimento me faz sentir vivo de novo. Obrigado.

Mia assentiu com a cabeça.

Jessie se levantou e caminhou sozinho até a porta. Mia o seguiu.

- Seja feliz, Mia. Te prometo que nunca mais vou falar sobre nós dois, mas saiba que no momento em que mudar de ideia, estarei pronto para você de novo.

- Não sabe o que está dizendo.

- Eu te amo, Mia. Eu sempre te amei.

Jessie tocou carinhosamente os lábios de Mia com os dedos. – Feliz natal.

Mia abriu a porta e viu Jessie se afastar aos poucos, mas antes que chegasse a calçada, foi surpreendido por John, que caminhava em sua direção.

- O que faz aqui, maldito?

Mia correu para desfazer o mal-entendido. – John, ele veio apenas fazer uma visita, se acalme.

- Eu não quero problemas, saia do meu caminho. – Jessie pediu em tom firme.

- Não quer problemas? Pois deveria ter pensado nisso antes.

Sem que Mia pudesse falar ou fazer qualquer coisa, John deferiu um golpe no rosto de Jessie, que reagiu.

Não demorou para que ambos começassem uma briga que atraía curiosos que passavam pela rua e os que saíam de suas casas apenas para ver o espetáculo deprimente.

Jessie era pouco mais forte que John e sua habilidade em lutas o dava certa vantagem em relação ao adversário. John já demonstrava sinais de cansaço, mas sua raiva o mantinha firme no embate.

Os gritos de Mia não foram o bastante para interromper a briga que já tomava o meio da rua coberta de neve.

Percebendo que a rendição de seu oponente estava próxima, Jessie diminuiu a intensidade dos golpes, o que permitiu que John ganhasse folego para tomar uma atitude que mudaria a vida de todos.

Humilhado pela visível derrota diante de seu algoz, John juntou o que ainda lhe restava de força e bateu a cabeça de Jessie violentamente contra o meio fio da calçada. Sem esperar pelo golpe, Jessie não conseguiu se defender.

John só se deu conta da gravidade de seu ato quando notou que Jessie estava imóvel e que grande quantidade de sangue corria por entre seus dedos.

Mia não conseguiu se mexer. A polícia chegou no momento em que John soltava o corpo inerte de Jessie sobre o asfalto molhado.

Deitada em seu leito, Mia sentiu suas lágrimas caírem como naquela noite em que sua vida mudava diante de seus olhos.

Nada mais estava oculto.

Já sabia que não havia se casado e que não teve filhos. Suas lembranças a partir daquela noite se resumiram em assistir à condenação de John e às suas visitas curtas ao noivo, que tiveram fim com a triste notícia de que John havia sido assassinado na prisão.

Sem vontade de seguir a diante, Mia acabou se entregando a um câncer de estômago que alguns anos depois lhe ceifou a vida física, a libertando dos dias sofridos em que suas únicas companhias eram duas enfermeiras e uma tia emocionalmente distante.

Os céus de Dawn ainda contava estrelas quando Mia resolveu caminhar pelos jardins. Suas perguntas já tinham respostas, mas outras surgiam; Onde Jessie estaria? E John? Por que não vieram vê-la, como Claire? Se o perfume

das flores, antes lhe transmitiam paz e contentamento, naquele momento só conseguiam fazer com que Mia desejasse a certeza de que ambos estivessem acolhidos, assim como ela.

Enquanto tentava manter o equilíbrio, sentiu a presença amiga de Charles, que a saudou com um sorriso; - Fico feliz que tenha recuperado suas lembranças. Foi bem mais rápido do que imaginei que seria.

- Obrigada.

- Me alegra igualmente sua preocupação com seu equilíbrio emocional.

- Confesso que antes de me lembrar era mais fácil mantê-lo.

- “O Esquecimento é uma bênção”. Já não ouviu esta frase antes?

- Acho que sim.

- O que ainda a incomoda?

- Onde estão? Jessie e John?

- Mia, John precisa de sua ajuda.

Mia ouvia com atenção;

- Nosso irmão desencarnou com o coração cheio de sentimentos de ódio e vingança. Se sentiu injustiçado pelo destino que o alcançou sem saber que Jessie foi apenas um instrumento para que a lição de que precisava fosse aplicada.

- Lição?

- Sim. John tinha débitos muito antigos que precisavam ser reparados.

- Onde ele está?

- John não consegue sair das regiões inferiores.

- Está sofrendo, então?

- Ele não sabe que sofre. Sua ilusão nessa busca frenética por vingança lhe cega de maneira a não se dar conta do caminho infeliz que tomou. Por isso precisamos de você.

- Como posso ajudá-lo?

- Temos que resgatá-lo, mas apesar de parecer simples, é algo que irá requerer grande esforço da nossa parte. Não vamos obriga-lo a ver e a ouvir, precisamos fazer com que ele veja e ouça por si mesmo.

- Farei o que for preciso. Mas e quanto a Jessie?

- Jessie precisou reencarnar pouco tempo depois que deixou a vida física. Sua nova experiencia será breve, apenas um pequeno experimento em uma situação material desconfortável.

- Ele está bem, apesar de tais dificuldades?

- Jessie é equilibrado emocionalmente. As dificuldades materiais não o afetam de forma negativa.

- Então qual a razão de precisar passar por elas?

- Todos precisamos exercitar nossos esforços de vez em quando.

Facilidades terrenas existem sempre com propósitos superiores, mas não devemos nos habituar com elas. Não se trata de punição ou nem mesmo provação de qualquer tipo. Será um breve exercício que o fortalecerá ainda mais em suas vontades.

- E depois, ele poderá vir para Dawn?

- Aconselho a fazer um esforço e não se ocupar com Jessie nesse momento. John é quem de fato necessita de nossa ajuda.

- Estou disposta a fazer o que for preciso para trazer John de volta.

- Admiro seu entusiasmo, porém convém ressaltar que adentraremos regiões de energias inferiores. Para quem não se preparou adequadamente, tais energias são dardos venenosos.

- Não se preocupe, Charles, seguirei todas as instruções.

- Então, prepare-se. Tão logo o sol irradie suas luzes, partiremos em nossa missão.

- Posso falar com Claire antes de irmos?

- Claire virá conosco.

O coração de Mia bateu confiante. Estava pronta para sua nova missão.

Mais um dia começava em Dawn e a boa notícia havia chegado cedo até Claire. Feliz com a recuperação da irmã, que além da memória recuperava também seu vigor, se preparou para seguirem para a missão importante que exigiria grande esforço por parte de todos, sobretudo de Mia, que precisaria se manter serena diante da realidade cruel de ver John em uma situação tão difícil. Charles e Adolph seguiram com as irmãs para o Instituto de planejamento, de onde seguiriam para a dolorosa empreitada.

Os mentores já dominavam a técnica de volitação com facilidade. Claire também conseguia fazer uso de tal recurso, embora com bem menos segurança que seus instrutores. Charles ajudou Mia a se locomover a sustentando durante o processo. Dessa maneira, os quatro viajantes chegavam até o triste lar onde John fazia morada.

Mia não conseguiu disfarçar o mal-estar que sentiu ao se deparar com a região trevosa.

- Inacreditável...

Percebendo suas emanções perturbadoras, Adolph tomou a palavra; - Mia, evite opiniões pessoais, as coisas são o que são. Quando tenta classificar o que vê ou o que sente, se identifica com o objeto de sua atenção, criando um elo difícil de ser desfeito.

Mia assentiu com firmeza. Aos poucos, conseguia estabilizar suas emoções, controlando o teor de seus pensamentos, conforme orientação de Adolph.

O lugar, repleto de nuvens cinzas, fazia lembrar um fim de tarde nublado na Terra. Grandes cavernas, espalhadas pelo solo lamacento, servia de cenário para espíritos lunáticos que iam e vinham sem direção definida. Nem mesmo nos hospícios mais bizarros se via uma cena como aquela.

Charles se adiantou, sendo seguido pelos demais.

O odor que o solo pantanoso emanava era fétido e as lamúrias ouvidas eram ensurdecedoras. Em determinado ponto, um certo número de mulheres brigava por um objeto sem notarem a presença do grupo, até que Charles chamou por uma das envolvidas, para a surpresa de Mia; - Condessa!

A velha senhora de sujos cabelos brancos se virou prontamente; - Quem me chama?

- Sou eu, Charles.

Percebendo a presença de Charles, A senhora se afastou das outras e caminhou apressadamente em sua direção; - O Que quer? Não tenho tempo agora. Por que não marcou hora?

- Não vou demorar. Quero lhe pedir um pequeno favor.

- Fale! Já lhe disse, meu dia está cheio hoje.

- Vim ver o cavaleiro novamente. Sabe se está nas imediações?

- Foi visitar suas terras mais uma vez.

- Obrigado por sua ajuda.

- Vá, vá! Tenho mais o que fazer!

A mulher se afastou sem nem mesmo ter notado a presença dos demais. Mia não escondeu seu questionamento; - Do que estavam falando? Quem é essa senhora? Uma condessa?

- Não... Ela pensa que foi uma condessa durante sua vida na Terra, porém, seus dias de encarnada foram carregados de crimes bárbaros e impiedosos. Está há muito tempo nessa situação. Um de seus delitos foi ter tirado a vida de uma condessa, o que a faz pensar que tem o direito de possuir o título.

- Por que consegue lhe ver?

- Ela está há muito por esses vales. Tentamos o resgate inúmeras vezes, algumas até acompanhados por sua filha, que apesar de já ter reencarnado após sua experiência com a velha senhora, ao voltar, rapidamente se lembrou da mãe e suplicou que a ajudássemos. Conseguimos algum sucesso que infelizmente não se sustentou depois. Eu estava à frente das tentativas.

- É uma pena. Mas, por que se referiu a John como “cavaleiro”?

- Desde que viu John pela primeira vez o chamou assim. Talvez porque se lembre de algum cavaleiro que conheceu em seus dias pretéritos. Ela tem um nome para quase todos os que vivem aqui. E apesar de parecer totalmente fora de si, sabe quem chega e quem vai. Não faz mal a mais ninguém, a não ser a ela mesma. “Suas terras”, a que ela se referiu, é para onde John vai, quase sempre

- E onde é esse lugar?

- John vai para a Terra, onde Jessie vive sua nova experiência na carne, em sua nova casa.

- Por Deus...

- Lá John o persegue, irradiando péssimas vibrações ao seu redor. Dificilmente tem êxito, tendo em vista o equilíbrio de Jessie, apesar da vida tumultuada que o cerca.

- Não entendo. John nunca foi uma pessoa má. Por que tanto ódio?

- Mia, há um fato desta história que desconhece e creio que esse seja o momento oportuno para que tome conhecimento dele. O problema entre John e Jessie não começou naquela loja de doces. Ambos traziam bagagens bastante comprometedoras em suas jornadas. Tiveram a oportunidade de tentar resolver suas diferenças sem que chegassem às vias de fato, mas, ambos falharam.

- Faço parte desse passado?

- Sim. Ainda não consegue ter domínio sobre si mesma a ponto de relembrar sua encarnação anterior, mas basta dizer que foi alvo de uma disputa feroz entre dois amigos que, não sabendo controlar o ego e o orgulho, tornaram-se inimigos incansáveis. Nesta última oportunidade, tiveram a oportunidade de se retratarem. Ambos adquiriram débitos, mas John, com sua inclinação para intemperividade, mais uma vez se comprometeu de forma bastante infeliz.

- Como John encontrou Jessie em sua nova vida na Terra?

- Em uma das noites em que Jessie, agora Robert, deixou o corpo físico temporariamente em razão do sono, sua mente emanou pensamentos ligados às questões com John. As impressões da noite em que foi assassinado ainda são fortes em sua psique. John, por sua vez, mantinha o pensamento firme em Jessie. Foi o suficiente para que fossem atraídos um ao outro como ímãs. E não se engane, Mia. Entre os encarnados acontece o mesmo. Pensamentos e sentimentos são ferramentas poderosíssimas de atração e de repulsa.

- Acredito que sim. – Mia respondeu com um ar de tristeza.

- Não se desanime, minha irmã. – Claire segurou firme as mãos de Mia.

- Será que eu poderia ter feito algo para amenizar tal animosidade?

- Sua culpa não é bem-vinda nesse contexto. Entenda que grande parte dos irmãos que aqui estão, são escravizados pela culpa. Até porque, no seu caso em específico, seus méritos são maiores que suas eventuais falhas.

- Por que diz isso?

- Jessie fez avanços consideráveis em seus dias na Terra. Nutria sentimentos sinceros por você, e ainda assim estava disposto a admitir sua derrota sem pensar em lhe causar mal. Quanto a impulsividade de John, nenhuma atitude de sua parte seria capaz de fazê-lo reagir aos fatos de maneira diferente.

Mia deu um longo suspiro, como quem ensaia recuperar a esperança perdida.

- Não temos nada o que fazer aqui. A madrugada se inicia na Terra, o momento perfeito para uma visita sem maiores transtornos.

Mia se sentiu algo apreensiva em ter que voltar à Terra pela primeira vez desde que deixou o corpo físico, mas buscou na força de seus mentores e no carinho de Claire, a coragem de que precisava. Seguiram para a Terra, mais especificamente, para a casa de Robert.

Em pouco tempo, o pequeno grupo chegava a uma rua quase deserta. A iluminação era precária e havia lixo espalhado por quase toda a extensão das calçadas disformes. Caminharam atentos até chegarem próximos a uma casa verde em estado deteriorado. Charles e Adolph interromperam a marcha. Mia se antecipou; - É aquela casa?

- Sim. – Charles respondeu em tom sério. – Melhor que você vá sozinha. Se John nos ver provavelmente oferecerá resistência e não precisamos que tome uma postura defensiva, pelo contrário.

- Acha que consegue? – Claire perguntou preocupada.

- Sim, consigo.

- Estaremos atentos, não está desassistida. – A voz confiante de Adolph soava como música para os ouvidos de Mia.

- Entrarei então.

Mia caminhou com cuidado em direção à casa de Robert. Observava cada detalhe. Não era como caminhar na colônia. Sentia-se pesada, com o coração oprimido. A atmosfera lhe fazia sentir como se estivesse mergulhada em uma névoa densa. Ignorou tais detalhes, não quis mudar o foco de sua atenção. Entrou na pequena habitação e se deparou com um casal visivelmente alterado. Ambos gritavam e se ofendiam mutuamente.

- Você não é capaz de sustentar seu filho, não venha me dar ordens!

- Essa casa é minha, se não está satisfeita pode ir embora.

- Vá embora você! – Nesse momento, a mulher arremessou um objeto na direção do homem, que conseguiu desviar, apesar de tonto pelo efeito do álcool.

Em determinado momento, Mia conseguiu se dar conta de que não estavam a sós. Entidades de aparência perturbadora se divertiam com a discussão enquanto incentivavam o comportamento desajustado do casal.

Temendo ser notada, Mia seguiu em busca do quarto de Robert, onde possivelmente John estaria.

Finalmente a busca de Mia chegava ao fim. Ao entrar no minúsculo cômodo, viu um jovem rapaz aparentando quinze ou dezesseis anos, deitado em um colchão sustentado por algumas pilhas de tijolos.

Robert tinha o corpo franzino e saúde visivelmente fragilizada. Virava-se de um lado ao outro buscando a paz para seu sono, que demorava a chegar.

Mia o olhava, enternecida. Quis se aproximar e lhe dar um abraço afetuoso, mas notou no canto do quarto, que John aguardava seu algoz deixar o corpo para pôr em prática seus planos de vingança, mais uma vez.

Os olhos de Mia viam o que seu coração custava a acreditar. Suas vestes eram sujas e maltrapilhas e os cabelos, em desalinho. Mesmo de costas, era possível notar o estado degradante. Mia respirou fundo e com a voz carregada de emoção, fez o chamado;

-John...

O antigo noivo se virou subitamente. Arregalou os olhos e em silêncio, tentava se convencer do que via. Mia se aproximou devagar; - John, sou eu. Lembra-se de mim?

As lágrimas que enchem os olhos de John foram sua resposta. Mais perto, Mia pôde perceber a dimensão do abatimento moral de John. Segurou suas mãos quase definhadas e as colocou em seu peito; - Encontrei você!

John não conseguia falar. Abraçou sua amada como um menino perdido.

- O que faz aqui? Por que está tão abatido?

Refeito do impacto da surpresa, John acarinhava o rosto de Mia enquanto olhava cada detalhe de seus traços delicados; - Busquei você por toda a parte. Desde a última vez que nos vimos naquela maldita prisão, não consegui mais saber de você...

- Nos encontramos, isso é o que importa.

- Senti tanto a sua falta!

- Eu também, John... me diga, o que faz aqui?

A fisionomia de John mudou radicalmente. Enxugou suas lágrimas e olhou na direção do leito de Robert; - Vê esse aí? É O maldito que acabou com nossa vida.

- Sei quem ele é. O que quero saber é o que faz aqui.

- Estou cobrando o que ele me deve.

- Do que está falando?

- Não vou deixá-lo ter paz.

- John, olhe para ele. Acha que ainda merece ser alvo de todo esse ódio?

- Por que diz isso? Porque é um pobre miserável? Isso também fui a minha vida toda. Não é castigo suficiente.

- Não, não digo apenas por isso. Conhece as pessoas que o cercam? Passei por eles na entrada. Estão rodeados de espíritos perversos.

- Ah... Você os viu? São meus convidados especiais.

- Você os trouxe aqui?

- A maioria sim, os outros são amigos da família.

- Por que fez isso?

- Lhe disse. Não darei sossego para esse infeliz. Ele acabou com a minha vida. E com a sua também. Fique aqui comigo. Essa luta é tão sua quanto minha.

- John, não percebe o que está fazendo? A quem pensa que está prejudicando se não a você mesmo?

- Não posso ficar pior do que já estou.

- Engana-se. Este não é o seu lugar. Nem mesmo aquele vale de lágrimas que você também frequenta.

- O que está me sugerindo, Mia? Que eu perdoe esse verme? Que eu continue meu tormento e deixe ele livre?

- E você, está livre?

John não soube responder. – O que veio fazer aqui se não vai ficar ao meu lado?

- Quero que venha comigo, que esqueça tudo isso. Jessie não poderá fugir de suas lições, ninguém pode, mas não cabe a você ministrá-las.

- Bonita fala, Mia. Não sei por onde andou, mas noto que sua realidade é bem diferente da minha.

- Não fale assim, John. Olhe para mim. Crê realmente que somos tão diferentes?

John fugiu dos olhos de Mia e se aproximou do leito de Robert; - Melhor que vá embora. Daqui a pouco o delinquente estará fora de seu escudo e eu não quero perder a breve oportunidade.

Mia olhou com assombro a cena que se descortinava diante de seus olhos. Em estado quase letárgico, Robert deixava seu corpo físico. Como se sentisse grande dificuldade em se afastar da carne, permaneceu ao lado da cama, enquanto John começava a pronunciar palavras ofensivas de cunho acusatório próximo a seu ouvido de carne, que eram captadas pelo espírito adormecido como uma esponja que absorve uma substância venenosa.

Quanto mais John falava, mais Robert se contorcia. Mia não conteve as lágrimas diante do cenário angustiante. Deixou a casa e foi ao encontro dos amigos que lhe aguardavam na calçada próxima.

Claire deu um longo abraço na irmã, enquanto Charles tentava dar-lhe o ânimo de que tanto precisava naquele momento triste; - Não se abale. A luta é constante, mas a vitória é certa.

Mia enxugou as lágrimas com resignação; - Pobre Jessie...

- O despertar é a única fatalidade que existe. Não podemos fugir dele, ainda que relutemos. Não se preocupe. John terá seu dia de despertar e quanto a Jessie, não se preocupe. Tem espíritos amigos por ele.

Mia deu um longo suspiro.

O pequeno grupo voltou para Dawn e Adolph deu a notícia que trouxe algo de conforto para o coração de Mia; - A partir de hoje ficará com sua

irmã. O Centro de Apoio já não é mais necessário para você.

Claire sorriu com alegria e Mia agradeceu a bênção recebida; - Obrigada.

A casa de Claire era uma das tantas que abrigavam espíritos que já haviam atingido certo nível de consciência em relação à realidade que os cercavam. Geralmente abrigavam entes da mesma família por muitos séculos.

Mia já conhecia o lugar de suas longas caminhadas pela colônia. Antes de se despedirem das irmãs, Charles anunciou mais uma novidade; - Mia, suas incursões nas regiões inferiores com o intuito de resgatar nosso irmão serão orientadas por Adolph daqui por diante. Claire retomará aos poucos suas funções no “Seeds of hope” e eu estarei sempre disponível para o que venha a necessitar em sua empreitada. Seu equilíbrio e discernimento nos surpreenderam positivamente.

- Eu agradeço a confiança.

Adolph tomou a palavra; - Nossa próxima incursão será na região trevosa, acredito que logrará êxito se abordá-lo longe das imediações da Terra.

- Existe alguma razão especial para isso?

- Na Terra, nossos irmãos desencarnados acreditam que disfrutam de alguma vantagem sobre os encarnados e isso fortalece seus propósitos.

- Entendo.

- Deveres nos aguardam. Adolph virá ao seu encontro no momento certo. – Os mentores se despediram e as irmãs seguiram para a pequena casa branca de janelas verde-água.

A novo lar de Mia era simples e bem desenhado. Na sala, um sofá madrepérola fazia conjunto com um pequeno aparador onde uma rosa amarela repousava em um vaso de pedras cintilantes.

- E então, o que achou?

- É lindo, Claire. Incrível como me sinto bem aqui.

- É porque aqui é sua casa. Sempre foi.

- Como assim?

- Há muito esse tem sido seu lar sempre que volta da Terra.

Mia se sentou no espaçoso sofá.

- Por que não me lembro?

- Porque tudo tem sua hora para acontecer. Ainda tem assuntos a tratar de sua última jornada.

- E mamãe e papai? Estão na Terra?

- Sim. Não se demoraram aqui. Infelizmente.

- Também ficaram aqui nesta casa?

- Sim. E quando chegaram foram recebidos por nossa avó.

Mia deu um longo suspiro. – Me sinto segura aqui.

- Eu sei. Eu também.

- Será que vou conseguir, Claire?

- Não tenho dúvidas. John está preso em sua própria armadilha, como se estivesse em um rodão cruel. Precisa apenas perceber que existe um céu limpo do lado de fora esperando por ele.

- Seu coração era bom, preciso crer que não terá dificuldades em despertar deste pesadelo.

- Dias melhores virão, minha irmã. Confie.

Durante aquela madrugada, Mia teve uma surpresa que lhe serviu como um refúgio para o duro trabalho que sua missão lhe impunha. Atendendo a um chamado inesperado de Charles, por meio de um de seus assistentes, Mia foi até o jardim principal em frente ao instituto de música e ao chegar, mesmo ainda distante, pôde notar a presença de Charles ao lado de Robert.

Mia apressou os passos. Robert estava desdobrado. Não tinha total consciência do que lhe cercava, mas percebeu a presença de Mia como quem consegue decifrar as notas de um aroma agradável aos sentidos.

- Achei que mereciam este encontro.

- Charles, não tenho palavras para agradecer!

A afinidade entre Mia e Robert era evidente. Finíssimos laços começavam a se desprender do perispírito de Robert, seguindo em direção ao de Mia, que experimentava o mesmo fenômeno. Mia se aproximou ainda mais e com cuidado, tocou em seu rosto jovem. – Quanta saudade...

Confiante no equilíbrio de Robert, Charles tocou em sua fronte, fazendo com que parte do véu que encobria suas lembranças pretéritas se descortinasse. Diante de seu passado como Jessie, Robert olhou para Mia e reconheceu a mulher que havia amado com toda a sinceridade de seu coração. Se sentiu como um naufrago que encontra a terra firme depois de algum tempo à deriva.

- Mia...

Mia olhou para Charles e com lágrimas nos olhos, agradeceu a benesse recebida, ainda que por um breve momento. Olhou de volta para Robert com

carinho.

- Seja forte. Tudo passará em breve.

- Como você está?

- Estou bem. E agora, feliz em ver você outra vez.

- Mia, eu te amo tanto. Não importa o que aconteça, nunca esqueça disso. Me promete?

- Eu prometo. Amo você também.

Charles se aproximou. – Precisamos ir.

Robert assentiu, resignado e antes de se afastar, olhou para Mia novamente, com profunda ternura – Nunca esqueça.

Mia respondeu com um sorriso. Os fios prateados que os uniam aos poucos se dissolviam. Robert e Charles deixaram Mia entre as flores, sozinha com seus pensamentos, profundamente agradecida pelo encontro que trouxe para o seu coração a certeza de que jamais se perderiam. Voltou para a casa fortalecida e Robert, voltou para seu corpo de carne com o coração sereno e feliz.

O momento de visitar as regiões inferiores havia chegado. Desta vez, Adolph e Mia partiram um pouco mais cedo, a fim de encontrar John ainda no vale das sombras.

Mia se esforçava para manter as boas vibrações, evitando se ater a situações específicas que alterassem sua sintonia. Caminharam até que Adolph se aproximou de uma caverna isolada e então, interrompeu a marcha.

- É aqui. Entre sem medo. Estarei atento.

Mia assentiu com a cabeça, confiante. Respirou fundo e seguiu para o interior da caverna escura. Depois de passar por um caminho estreito iluminado apenas por uma tocha de chama fraca e amarelada, Mia chegou a seu destino. Deitado no chão, John descansava sem notar sua presença.

Mia se aproximou devagar e se abaixou calmamente. Com carinho, passou a mão tremula pelos cabelos em desalinho de John, que rapidamente levantou a cabeça, se levantando bruscamente.

- O que faz aqui?

- Não está feliz em me ver?

- Como chegou? Quem lhe trouxe?

- Um bom amigo.

- Este lugar não é para você. Não deveria estar aqui.

- Não vou deixar você aqui, John. Se não quiser vir comigo, ficarei aqui

com você.

- Não sabe o que diz.
- Sim, eu sei.
- Não tenho para onde ir, Mia. Não percebe isso?
- No momento que quiser sair daqui, terá para onde ir.
- E seu eu não quiser?
- Não tem problema. Lhe farei companhia.
- Não vai gostar das coisas que vai ver aqui. É melhor ir embora.
- Por que está fazendo isso? Que tipo de justiça acha que faz aqui?
- Por causa daquele verme, minha vida acabou.
- O que ele fez de fato, John? Consegue se lembrar?
- Logo você me faz tal pergunta? Acha que não sabia que ele queria

você?

- Não consegue ver que seu ódio vai além de sua teoria?
- Não sei do que fala.
- Eu sei mais da sua vida do que supõe. Viveu um passado com Jessie e ele não foi bom. Trouxe isso para sua última vivência na Terra e parece que quer continuar com esse rancor. Entende o que digo agora?

- Está falando em outra vida antes desta?

- Sim. É disso que estou falando.

- E por que não me lembro de nada? - John perguntou em tom desafiador.

- Não tenho as respostas para todas as perguntas. Mas conheço quem as tem. E lhe garanto que não vai ser aqui que conseguirá tê-las.

- Quem disse que quero respostas?

- Todos queremos, ou prefere viver como um animal? Movido unicamente por seu instinto?

- Ele tem uma nova vida. Não merece.

- Quem é você para dizer isso? John, olhe para a sua própria vida. Lembre-se do que fez. Acha que não causou mal ao Jessie? A família dele?

John mantinha o silêncio.

- Não disfarce a gravidade de seus erros exaltando os erros de Jessie.

Percebendo que John se sentia cada vez mais tocado com suas palavras, Mia segurou suas mãos e prosseguiu em tom suave. – Se lembra da nossa vida, juntos? Se lembra quando conversávamos? Você sabia o que eu ia dizer antes mesmo que eu falasse qualquer coisa. Sabia quando eu estava feliz e

quando eu estava triste, conseguia me fazer sorrir. Pode fazer tantas coisas boas, John. Por que se esqueceu disso?

Naquele momento, os olhos de John se encheram d'água. Mia continuou, profundamente emocionada. – Todos cometemos enganos, John. Temos um histórico deles nos esperando para um ajuste de contas. Não se perca mais do que já perdeu.

- Não posso sair daqui, não pertenço a nenhum outro lugar.

- Pertence ao lugar onde seu coração quer estar.

- Como se faz isso, Mia? Se existe um jeito eu desconheço.

- Sinta amor. Amor por mim, pelas pessoas que já passaram por você e que deixaram coisas boas. Só amor, John. O resto se dissolve sozinho.

John segurou firme as mãos de Mia. – Se eu fosse, ficaria comigo?

- Sim.

Mia enxugou as lágrimas de John com carinho e o trouxe para perto, o envolvendo em um abraço acolhedor. – Vamos, levante-se. Vamos sair daqui.

- Vá você, ... não estou pronto.

- Por que diz isso?

- Não sei explicar o que sinto, Mia.

- Eu entendo. Apenas considere todas as coisas que lhe falei e John, me prometa que não voltará a Terra, que deixará Jessie em paz.

John baixou a cabeça, algo desapontado. – Vou pensar, Mia. Vou pensar. Agora saia desse lugar.

- Voltarei para te ver, estou certa disso.

- Não é seguro que caminhe por aqui sozinha.

- Já lhe disse, não estou sozinha. Um grande amigo me trouxe e me espera do lado de fora.

- Assim é melhor.

Mia se afastou com o coração confiante. Do lado de fora, Adolph a recebeu com um sorriso. – Quanto progresso, Mia! Em breve sairemos daqui com nosso irmão, não tenho dúvidas.

Mia deu um longo abraço no amigo. – Estou tão feliz! Ele está voltando, posso sentir!

Adolph e Mia deixaram a região umbralina confiantes.

Sozinho, John sentia um misto de contentamento e angústia dominar seus sentidos. Por um lado, estava feliz em reencontrar Mia e ter de volta as emoções que lhe faziam ver a vida com leveza e certa alegria. Porém, por

outro lado, se via obrigado a abandonar seus planos de vingança contra Jessie, o que lhe dava uma sensação sombria de fracasso. Via diante de seus olhos, dois caminhos distintos e sabia que qualquer que fosse sua escolha, teria imensa dificuldade em voltar atrás em caso de arrependimento.

Se lembrou das palavras de Mia e pensou na possibilidade de ter vivido outras vidas com Jessie e que talvez tivesse mais motivos para odiá-lo e para ser odiado também.

Na colônia, Mia e Claire comemoravam os feitos da noite na casa da família, enquanto Adolph e Charles conversavam em um dos anexos do Instituto de pesquisa.

- Imaginei que não teríamos dificuldades maiores no progresso de John, mas noto que me surpreendo com a evolução do caso.

- É verdade, Charles. Mia e John estão se saindo muito bem. Assim que estiverem completamente harmonizados na colônia, poderemos anunciar os projetos reencarnatórios de ambos.

- Acha que mesmo que não precisarão de mais tempo aqui?

- No caso deles, quanto menos tempo na colônia, melhor. Terão uma missão difícil pela frente e suas impressões materiais serão aliadas nesse contexto.

- Lhes contará sobre todo o projeto?

- Não. A princípio saberão apenas que se reencontrarão na Terra. Tudo a seu tempo, Adolph. Tudo a seu tempo.

Na noite seguinte, Mia estava pronta para voltar até a caverna de John. Estava confiante de que daria mais um passo em sua libertação e Adolph a encorajou em sua tarefa sublime. – Sua esperança é útil, mas tente não criar expectativas que podem vir a frustrá-la. Seu êxito é certo, mas lembre-se de que devemos deixar John decidir o momento de sua libertação e isso está nas mãos dele apenas.

- Obrigada por me lembrar disso, Adolph. De fato, minha ansiedade pode ser um entrave para nossos planos.

- Sigamos, então. – Adolph e Mia cruzaram o vale e ao chegarem na caverna tiveram uma surpresa. John não estava lá. – Está na Terra. – Adolph olhou para Mia como se quisesse lhe transmitir a força de que precisaria para seguir confiante. – Vamos até lá,

Mia tentou disfarçar seu desapontamento. – Vamos.

A madrugada estava apenas começando na Terra quando Adolph e Mia

caminhavam pelas calçadas quase desertas de Londres. Algumas poucas pessoas circulavam e entre elas, Mia pode perceber que alguns eram desencarnados. A maioria, visivelmente desajustados, se juntavam aos encarnados usufruindo de suas sensações inferiores e outros, acompanhavam aqueles a quem pensavam proteger ou cuidar.

Quando chegaram próximos a casa de Robert, Adolph manteve o combinado e deixou que Mia seguisse sozinha.

Desta vez a casa estava silenciosa. Mia seguiu para o quarto e encontrou John sentado à beira da cama vazia de seu perseguido.

- O que faz aqui? – Mia se aproximou sem hesitação.

- Eu poderia te fazer a mesma pergunta.

- Você sabe a resposta.

- Vim me despedir, Mia.

- O que diz?

- Exatamente o que ouviu. - John se levantou e se dirigiu a Mia. Trazia o ar sereno e o tom ameno. – Imaginei que eu nunca mais teria a chance de ser feliz de novo, mas agora vejo que isso pode ser possível. Não vou deixar que ninguém tire isso de mim de novo.

Mia quis manter o equilíbrio, mas não conseguiu impedir que suas lágrimas caíssem. – Sim, a felicidade é possível.

- Não vou mentir, Mia. Ainda faço um esforço muito grande para não sentir as coisas que sinto, mas prometo que vou tentar.

- Um novo capítulo de inicia em sua vida.

John segurou as mãos de Mia e as beijou. – Obrigada.

Mia e John se abraçaram e seguiram juntos ao encontro de Adolph, que os esperava com um sorriso no rosto. – Seja bem-vindo, John.

John agradeceu com um sorriso tímido. Adolph prosseguiu. – Vamos para a colônia, seu novo lar.

O coração de Mia estava regozijado. John por sua vez, temia pelo que viria. Desde que desencarnou, transitava entre a Terra e o vale das sombras. Não sabia o que a nova vida na colônia lhe aguardava, porém, todas as suas incertezas encontravam suporte na presença de Mia.

Com a plena sensação do dever cumprido, Adolph levou o casal até a colônia, onde foram recebidos por Charles e Claire, que os aguardavam na entrada no Centro de apoio.

- John, bem-vindo ao centro de apoio. Precisaré de alguns dias aqui até

que sua psique seja restaurada por completo. Mia e Claire lhe ajudarão no que for preciso.

John olhou para Claire, que se apresentou prontamente. – Sou a irmã de Mia. O centro de apoio lhe fará muito bem.

- Obrigado.

- Mia, você ficará a cargo de auxiliá-lo diretamente. Se em algum momento precisar de ajuda e Claire não puder socorrer-la, Adolph e eu estaremos prontos para auxiliá-la.

- Obrigada, Charles.

- Agora vamos. Precisamos deixar John descansar. – Charles conduziu John até seu leito. Ao lado de Adolph, lhe aplicou passes por todo o corpo fluídico. Aos poucos, John perdia a consciência enquanto era observado por Mia e Claire, que se mantinham firmes em emanar boas vibrações para o recém chegado.

Após o tratamento prolongado, John dormiu profundamente. Charles deu instruções para que a aplicação dos passes fosse diária.

- Nosso irmão precisa se manter inconsciente por alguns dias, - Se dirigi a Mia, que observava tudo com atenção.

- Mesmo ele já tendo noção de tudo o que lhe aconteceu, ainda assim precisa de tanto tempo adormecido?

- Nesse caso em específico, a consciência sobre a condição de desencarnado não é um problema. Aqui o que se observa é uma repetição do padrão de pensamento que acabou por impregnar o perispírito e a única maneira de reorganizá-lo, por assim dizer, é fazer com que tais padrões viciantes de pensamentos sejam desconectados de sua consciência.

- Entendo. E quanto a Jessie, ou Robert? Por que não estava na casa? Está tudo bem com ele?

- Tudo a seu tempo, Mia. Tudo a seu tempo. Seria bom que você assistisse algumas aulas sobre a psique humana. Claire poderá conduzi-la até o centro de estudos. Aprender é sempre uma dádiva que não devemos menosprezar.

- Talvez seja uma boa ideia. Preciso me ocupar com algo útil. Além do curso posso trabalhar com Claire, seria possível?

- A priori, creio que seu engajamento com qualquer tarefa específica não seria conveniente, tendo em vista que assim que John estiver pronto para deixar o leito, precisará de seus esforços para adapta-lo a colônia.

- Tem razão. Aguardemos então.

O tratamento de John no centro de apoio levou pouco mais de uma semana. Quando Charles autorizou sua alta, Mia estava ao seu lado, pronta para apresentá-lo a Dawn.

Como Charles havia dito, os dias de letargia de John fizeram toda a diferença. John ainda se lembrava de sua última encarnação e de seu desfecho fatídico, incluindo seus dias no vale umbralino, mas essas lembranças não lhe impressionavam como antes. Era como se tais eventos fizessem parte de um passado distante, que apesar de lhe causar alguma dor, não imobilizava sua vontade de prosseguir.

Mia e John caminharam pelos jardins, lado a lado.

- Não imaginava tamanha beleza. Nem os lugares mais bonitos de Londres se comparam a tudo o que vejo.

- Tive a mesma sensação. Veja as flores, que cores incríveis! E seus perfumes são igualmente únicos.

- Esse é céu de que tanto ouvíamos falar?

- Creio que não... Claire disse que essa colônia ainda está bem próxima à Terra. Muitas das formas que vemos aqui se assemelham a vida que tivemos lá. Há outros mundos em que seus habitantes não guardam mais nenhuma similaridade com o mundo material, lá sim, acredito que seja o céu que desejamos.

- Já estive lá?

Mia sorriu. – Não que me lembre. O dia em que conseguirmos morar em tais mundos, voltaremos a colônias como Dawn apenas como visitantes.

- Como sabe isso tudo?

- Claire e eu conversamos muito. É incrível como ignoramos tantas coisas.

- Vai me ensinar também?

- Aprenderemos juntos.

- O que nos espera daqui pra frente, Mia? O que acontece agora?

- John, enquanto dormia, assisti algumas aulas sobre a psique humana e não é necessário dizer o quanto foram interessantes. No final das aulas, conversamos com Lily, que ministrava o curso. Em uma das conversas, ela disse algo que ficou em minha mente.

- O que ela disse?

- Que nós desperdiçamos energia com distrações inúteis, como o tempo

por exemplo. – Enquanto caminhavam pelos jardins, John ouvia o relato de Mia com atenção. – E o curioso, é que fazemos isso nos dois planos da vida.

- Como pode o tempo ser algo inútil?

- Lily se referiu a questão essencial da vida. Sim, porque para questões práticas, o tempo é muito útil, mas sua importância deve limitar-se a isso, a questão prática. Quando falamos de questões psicológicas, devemos no ater que o tempo não faz sentido,

- Ainda não entendo.

- Vivemos em função da ilusão de que existe passado, presente e futuro. Pare para pensar, John. O passado não existe e o futuro, muito menos. Estamos condenados ao presente, jamais saímos dele. O que nos confunde, é que vivemos no mundo das formas. E elas mudam. Coisas vivas, perecem. A terra gira, fazendo com que o sol esteja em locais diferentes, assim como a lua. Tudo isso nos dá impressão de tempo. Mas se olhar bem, o que chama de ontem, ainda é hoje, apenas as formas mudaram.

- Sim... faz sentido...

- O que vai acontecer, não sei. Talvez haja algum planejamento para nós, novas formas. Mas o que quer que seja, seremos sempre essa essência viva, pulsante. É o vazio do pote, que ninguém nota, a não ser no formato que o envolve, mas é neste vazio que está a sua real utilidade.

- Tem razão. Estamos aqui agora e isso é tudo o que existe.

- Isso é tudo...

John e Mia seguiram pelos caminhos de flores azul-turquesa.

A pequena casa da família de Mia agora abrigava também a John, que sentiu todo o acolhimento de uma cidade que, apesar de tão parecida com a Terra, era, em essência, tão diferente.

Mesmo depois de receber alta do centro de apoio, John ainda necessitava do descanso, que de certa forma, se tornavam menos frequentes. Em um dos momentos em que caminhava só, Mia viu Brigitte colhendo algumas flores no jardim próximo as casas.

- Brigitte, lembra-se de mim?

- Claro, Mia, não é? Como vai?

- Vou muito bem. Agora moramos próximas. Nos veremos muitas vezes.

- Já lhe vi algumas vezes, mas estava acompanhada e não quis incomodar.

Mia sorriu.

- Um parente que retorna?

- Quase isso. John e eu fomos noivos.

- Que alegria, Mia! É um recém-chegado, então?

- Na verdade, John desencarnou antes de mim... estava perdido nas regiões inferiores.

Brigitte não disfarçou as feições tristes. Mia se lembrou de que em sua última conversa, Brigitte havia mencionado o lugar, demonstrando profundo abatimento. – Me desculpe. Sinto que esse assunto lhe deixa triste. Não foi essa minha intenção.

- Sei que não, Mia. É que penso o quanto seria bom se eu conseguisse trazer minha mãezinha de lá, assim como fez com seu noivo.

- Não entendo, disse que sua mãe havia voltado a Terra.

- Entendo sua confusão, não fui clara. A minha mãe que voltou a carne, foi minha amável genitora em minha última encarnação. A que se perdeu no vale de lágrimas, foi minha genitora em encarnação pretérita, anterior a esta.

- Se lembrou dela?

- Sim... segundo Charles, fatos como esse são bem raros. Poucos se lembram de suas encarnações anteriores. Éramos muito unidas, apesar de eu não concordar com o modo de viver de minha mãe, seu amor me acompanhou por toda a minha vida.

- Charles acompanha meus passos aqui na colônia também.

- Verdade? Então nem preciso lhe dizer o quanto é generoso.

- Sim... espere. Charles me relatou um fato bem parecido ao seu.

Mia se deu conta de que talvez, Brigitte fosse a filha da condessa. – Seria possível?

- Que história ouviu?

- Brigitte, sua mãezinha, a chamam de condessa?

Brigitte não segurou o pranto carregado de angústia. – Esteve com ela? Esteve com minha mãe?

- Sim! Charles me contou brevemente a história.

- Mamãe cometeu terríveis enganos. Desde que desencarnou vive em estado de alucinação constante.

- Sinto muito, Brigitte. Mas acredite que cedo ou tarde, terá sua mãezinha de volta.

- Quanto mais se demora em sua alucinação, mais longos serão seus

dias de sofrimento, mas recebi a benção de poder esperá-la para então voltarmos a Terra juntas.

- Sem dúvida uma grande benção, Brigitte! Já existe algum plano?

- A única coisa que sei, é que desta vez, eu serei sua genitora. Será um amaneira mais eficaz de eu tentar ajudá-la a trilhar o caminho correto dessa vez.

- Terá êxito em sua missão, não tenho dúvidas.

- Assim espero, Mia. Terei que ser forte para acompanha-la em suas lições, que seguramente serão bem duras.

- Você será a luz que iluminará toda e qualquer escuridão no caminho de sua mãe. Terá essa coragem.

- Eu creio nisso, Mia.

- Não chore. Não a perdeu de vista. Pense nisso.

- Obrigada, Mia. – Brigitte enxugava o rosto, resignada.

- Vamos, mostre-me sua casa!

Brigitte sorriu pela primeira vez desde que iniciaram a conversa.

Os dias se passaram e em uma tarde, Charles fez uma visita cordial a casa de Mia. Claire havia sido avisada sobre a importância da ocasião e voltou mais cedo do instituto.

Sentados na sala ornamentada com lírios brancos, o mentor iniciou a conversa, sem rodeios. – Esperei que John estivesse refeito em seu equilíbrio para que pudéssemos estar juntos novamente.

Mia e John, sentados, lado a lado, observavam, atentos. Charles continuou. – Imagino que estejam adaptados aos ares de Dawn, mas é imperativo que continuem sua jornada.

- O Que isso quer dizer? – Mia perguntou em tom preocupado.

- Significa que deverão voltar à Terra em uma nova experiência.

Claire sabia que Mia e John teriam muitas perguntas e resolveu ela mesma iniciar os questionamentos, embora já soubesse de boa parte das respostas. – Eles estão prontos, Charles? Algum tempo a mais em Dawn, sobretudo para John, não seria aconselhável?

- Não para a missão que os aguarda. Precisam resolver questões que somente o dia a dia na carne poderá trazer a lume.

- A missão que os aguarda é comum? Ou seja, se reencontrarão na Terra?

John e Mia aguardaram a resposta à pergunta de Claire, paralisados.

- Sim. Seus caminhos se cruzarão novamente.

Notando a apreensão de John, Charles prosseguiu com seu anúncio. – Não se preocupem. Adolph os acompanhará por toda a jornada terrestre. Cada um de vocês terá todos os meios para uma vida sem muitos percalços. É claro que o livre arbítrio fará toda a diferença.

- Quando voltaremos? – Mia já trazia o tom mais ameno.

- Podemos iniciar o processo quando se sentirem confortáveis. O primeiro passo será o esquecimento progressivo.

- Um vem e vai de lembranças...

- Sim, Mia. Lembranças nada mais são que correntes que nos unem a nossos personagens. São bem vindas quando administradas com o devido equilíbrio e bom senso.

- Qual a garantia de que nos encontraremos? Se temos livre arbítrio, podemos tomar caminhos diferentes? – John se pronunciava pela primeira vez.

- Imagine que você seja um trabalhador do Instituto, ao lado de Claire, e que se dedica especialmente a crianças menores. Para que tenham alguma atividade artística, as deixa livres para escolher quais instrumentos deverão tocar. Levando em conta que elas terão à disposição alguns para que possam fazer a escolha. Seu objetivo é que seja desenvolvida certa aptidão para instrumentos de corda, então, disponibilizou apenas violão, lira e cravo. Os demais instrumentos, se encontram na sala ao lado. Qual a probabilidade de alguma das crianças se dirigirem até a sala ao lado para que toquem outro instrumento? Eles têm liberdade para fazê-lo, mas, conhecendo suas limitações que dizem respeito a pouca experiência de vida, sabe que vão continuar onde estão e acabarão por escolher um instrumento de corda, como planejado por você.

- Não poderia ter explicado melhor, Charles. – Claire emendou.

- Somos previsíveis, é isso?

- Quase sempre. – Charles respondeu com firmeza.

- E teremos uma vida juntos? Digo, como homem e mulher?

- O quanto isso seria importante, John?

- Para mim, seria muito importante, sem dúvida. Nossa oportunidade de termos a vida que imaginamos foi perdida. Não posso nem pensar passar por tudo novamente.

- A lições mais difíceis de serem aprendidas são as mais úteis. Já parou

para pensar nisso? A vida na Terra não é um fim, é apenas um meio. Se pensa que todas as benesses acontecem durante o curto tempo em que estão na Terra, está equivocado, meu irmão.

John suspirou com desanimo. – Não estou acostumado a benesses. Na Terra e em lugar nenhum. Para falar a verdade, os momentos que passei aqui foram os únicos de que me lembro de terem sido, de fato felizes. E veja, acabarão em breve.

Charles continuou sua fala.

- O descanso provem do trabalho duro. Se ainda há trabalho a ser feito, não há como desfrutar do merecido descanso. Trabalho que exige energia, que não deve ser empregada em ações inúteis. Seu cansaço é compreensível. Mas ele não vem do trabalho construtivo. Despertou a tempo para essa realidade e agora terá a chance de direcionar seus esforços para onde é necessário. Trabalhe, meu irmão. E seu descanso será uma benesse merecida e muito justa.

John baixou a cabeça e assentiu, algo melancólico. – Acho que consigo compreender.

- Terão todo o tempo que precisarem para que iniciemos o projeto. Quando julgarem ter chegado o momento, me procurem.

Charles se despediu de todos, deixando na sala um ar de inquietação.

Claire se sentou ao lado do casal. – Deixarei vocês a sós, mas lembrem-se, quando nossos objetivos estão voltados para propósitos superiores, temos toda a ajuda de que necessitamos.

- Obrigada, minha irmã, mais uma vez.

As palavras de Charles ecoaram fundo na alma de John, que começou a pensar que talvez pudesse viver a sensação de paz que sentiu naqueles poucos dias em Dawn, de forma constante, mas que ela não poderia vir sem esforço, sem merecimento. Olhava para dentro de si mesmo e sabia que ainda tinha nós a serem desatados e que não poderia mais ignorá-los. Cedo ou tarde, deveria desfazer-los. Já Mia, via sua volta com certa tranquilidade, já era capaz de entender que tanto o mundo físico quanto Dawn, seriam sempre estágios temporários que se intercalariam até que chegasse o dia em que voltar a carne não fosse mais necessário. Apenas experimentava o desconforto de saber que se perderia de Jessie mais uma vez. Mas como Charles costumava dizer, tudo a seu tempo. E ela esperaria o tempo que fosse preciso.

- Mia, como se sente?
- Confiante. E você?
- Não sei ao certo. Uma mistura de sentimentos, talvez.
- Acredito que esse seja o sentimento de todos que renascem. É sempre um desafio, afinal de contas.
- Não posso fugir de mim mesmo, Mia. Enquanto estava naquele lugar de pesadelos, imaginava que poderia. Todos lá acreditam que podem. Não quero mais me enganar.
- Você é forte, John. E é inteligente.
- Não vejo outro caminho para mim. - John suspirou, melancólico.
- Então, estamos prontos?
- Estamos prontos.

Na manhã seguinte, Charles recebia a grande notícia. Poderia iniciar os preparativos para a o reencarne de John e Mia.

Apesar de estar à frente do projeto, foi Adolph quem acompanhou de perto os preparativos para a missão de retorno,

John reencarnaria primeiro. Pertenceria a uma típica família londrina de classe média, sem excessos, mas com uma situação material estável. Emocionalmente, os pais de John eram pessoas responsáveis e dedicadas. John teria um irmão, que seguiria para o seio da família pouco depois dele.

Mia retornaria um ano e três meses depois em condições quase idênticas a de John, com a diferença de ser filha única.

Viveriam em casas próximas, o que facilitaria o reencontro.

O primeiro passo seria tomado alguns dias depois. John iniciaria seu processo de esquecimento em um isolamento assistido, semelhante ao que viveu no Centro de apoio.

Mia começaria o seu pouco tempo depois.

Adolph permitiu que Mia e John se despedissem, deixando-os caminhar mais uma vez pelos jardins de Dawn. Era uma tarde tranquila e o sol começava a dar sinais de que começava a se perder no horizonte.

- Está nervoso?
- Um pouco. Ansioso seria a palavra mais adequada.

Mia deu um sorriso discreto. – Já pensou que terá a oportunidade de ter uma família que cuidará de você? Um pai e uma

mãe que vão te desejar com todo o amor, o amor com o que sempre sonhou?

- Uma família, uma casa... um irmão... é muito mais do que sonhei.

- Saberá aproveitar a oportunidade.

- Farei um esforço.

John olhou nos olhos de Mia, que viu uma lagrima cair. – Não é uma despedida, John. É um até breve.

- Eu sei...

Mia e John se abraçaram, e ainda que o coração de John sentisse a dor de ter que se afastar de Mia mais uma vez, uma brisa de esperança soprava uma melodia suave que dizia que amar não é um fim, nem um começo, é uma constante presença que não se inibe com a ausência da forma, mas ao contrário, fortifica-se com a falta dela, feliz pelo fato de que apenas existe, e isso, sempre será o bastante.

John e Mia aceitaram o desafio de viverem novas experiências para enfrentarem antigos problemas. Após o processo de esquecimento e reclusão, renasceram em novos cenários, cercados de novos personagens.

Adolph cuidou pessoalmente da ligação inicial de ambos e do acompanhamento diário até que a união corpo-espírito se tornasse completa.

John era Oliver e Mia, Amy.

Desde que voltaram a carne, não mais regressaram a Dawn.

Uma nova vida começava para ambos. John e Mia se tornaram longas histórias ocultas em livros antigos, com páginas preenchidas. Oliver e Amy eram novos livros, cheios de páginas em branco.

Em uma tarde de brisa fresca em Dawn, Charles e Adolph conversavam, em seus breves momentos de descanso. – E então, Adolph. Robert está pronto para iniciar o processo de esquecimento?

- Sim. Está em excelentes condições.

- E quanto aos preparativos na Terra para recebe-lo?

- Estive lá a pouco e a harmonia do casal me pareceu propícia para nossos objetivos.

- E John, com está?

- A ligação com o corpo está se fortalecendo a cada dia. Talvez com a aproximação de Robert ao seio da família, John demonstre algum desconforto fluídico, mas nada que não possa ser resolvido sem percalços.

- E quanto a Mia?

- Nos surpreendendo como sempre. As magnetizações diárias já são desnecessárias diante de sua excelente adaptação ao pequeno corpo.

- De fato, Mia não me preocupa. Devemos estar vigilantes aos irmãos. Em poucos anos a relação comerá a mostrar seus matizes. Nossa assistência será grande importância.

- Estaremos prontos. – Adolph sorriu, confiante na vitória que os aguardava.

Parte 2

Leytonstone, Londres.

Dezenove anos depois.

O despertador tocou seu timbre ensurdecedor, fazendo com que Oliver abrisse os olhos e avistasse o objeto com dificuldade a fim de silenciá-lo. Poucos minutos depois, Grace entrava no quarto, amarrando seu robe rosa-chá. – Oliver! Vamos, filho! Levante-se ou vai se atrasar para a entrevista!

- Estou acordado, mãe. – Oliver sussurrava com esforço.

- Não, não está. Vamos! – Grace abriu as cortinas, deixando a luz do sol entrar.

- Por Deus, mãe! Se fechar a cortinas prometo que estarei de pé em cinco minutos.

- Não estamos negociando, Oliver. Vamos, levante-se!

Oliver abriu os olhos e respirou fundo. – Estou acabado.

- Nada que um café forte não resolva. Vamos!

Grace deixou o quarto e desceu as escadas seguindo em direção a cozinha, onde Henry e Antony tomavam o café da manhã.

- E então, Grace, onde está Oliver?

- Já vai descer. E então, Antony, sabe se Oliver deu mais uma olhada nos livros ontem? Farão diferença em seu desempenho.

- Acho que o vi lendo, mãe.

- Espero que se saia bem. Imagine, conseguir estágio em um escritório de advocacia renomado como o do Dr. Willians!

- Vai conseguir, Grace. E em breve, Antony seguirá o mesmo caminho, não é, filho?

Antony sorriu diante do entusiasmo do pai.

Oliver se sentou à mesa, onde uma generosa xícara de café o aguardava.

- Dormiu que horas ontem, Oliver? – Henry questionou em tom amigável, porém firme.

- Não era tão tarde, saí da festa antes que acabasse. Antony estava lá, me viu ir embora.

- Ficou até tarde, Antony? Me disse que havia chegado cedo. Será

que terei que ficar acordada até a hora de chegarem? Não poderei mais confiar na palavra de vocês?

- Por que diz `vocês`? Cheguei na hora combinada. – Oliver se defendia, entre um gole e outro.

- Eu não tinha compromisso hoje, podia ficar até mais tarde. – Antony olhava para o irmão, contrariado.

- Já vão começar? Será que é possível termos uma conversa em paz? – Henry interferiu em voz alta.

Os irmãos se entreolharam em silêncio e Henry continuou. – Oliver, qual a razão em colocar seu irmão nesta situação?

- Quis ser justo, apenas isso.

- Eu vi a hora que vocês dois chegaram. Estava acordado. Não preciso que me ensine a ser justo, sobretudo se sua real intenção foi prejudicar seu irmão.

- Não fiz... - Henry interrompeu.

- Não terminei, Oliver. Cresci com quatro irmãos. Nos desentendíamos de vez em quando, mas acima de tudo cuidávamos um do outro. Não espero de vocês nada menos que isso.

Oliver permanecia de cabeça baixa.

- Oliver, lembra-se quando cuidava de Antony quando eram pequenos? Ele confiava em você porque você é o irmão dele. O único irmão que ele tem. Olhe para ele. O que vê? Seu irmão ou um inimigo? Olhe para ele, Oliver! Antony, olhe para seu irmão!

Os irmãos se entreolharam. Henry não sabia, mas estava sendo intuído por Sam, um espírito amigo que junto a Charles e Adolph, cuidava das encarnações de Oliver e Antony.

Oliver olhou para o irmão e se lembrou de Antony pequeno, indefeso. Sentiu algo de arrependimento pela fala venenosa. – Desculpe-me. Não foi minha intenção prejudicá-lo.

- Só você conhece suas intenções, Oliver, mas nós acreditamos em você. Certo, Antony?

- Sim...

- Sim o que? – Henry insistiu.

- Eu lhe desculpo, Oliver.

- Espero não precisar ter essa conversa novamente.

Oliver e Antony já se olhavam com certa cumplicidade. Grace

assistiu a cena com o coração enternecido.

A relação de Oliver e Antony oscilava constantemente. Oliver agia com certa impulsividade, enquanto Antony, apesar de precisar se esforçar para confiar nas boas intenções do irmão, conseguia agir com prudência diante de suas contrariedades.

Apesar das inegáveis diferenças que os distanciavam, a proximidade que os acompanhava vindas do berço, faziam com que os frágeis laços que os uniam não se rompessem, garantindo momentos de trégua para aquela dolorosa relação de resgate.

Em um desses momentos, Oliver pediu ao irmão mais novo que o acompanhasse em uma pequena reunião para comemorar seu novo estágio. O evento informal seria na casa de George, amigo de Oliver. Antony aceitou o convite.

Em uma noite fria de outono, os irmãos deixaram a rua Harold a caminho do evento especial.

Oliver e Antony tinham alguns amigos em comum e alguns deles já estavam na casa de George quando os irmãos chegaram. Oliver estava especialmente animado, falava de seus planos tão logo se formasse, com empolgação. Estimulado pelo efeito da bebida, via em Antony apenas o seu irmão caçula, sem se aprofundar em seus empasses íntimos que ele mesmo desconhecia a procedência.

Em determinado momento, Oliver foi até a porta para receber alguns amigos, quando notou a presença de uma moça em meio ao pequeno grupo.

- Entrem, fiquem à vontade. Os pais do George só voltam amanhã. A casa é toda nossa!

- Oliver, parabéns pela conquista! – Sarah deu um longo abraço no amigo.

- Obrigado, Sarah. Não vai me apresentar a sua amiga? – Se dirigiu a moça tímida ao lado.

- Claro! Essa é Amy Davies. Amy, meu amigo Oliver Carter.

Oliver estendeu a mão com cordialidade. Quando Amy retribuiu o gesto, teve um pequeno *déjà vu* diante da cena espontânea. Oliver notou sua expressão de surpresa. – Prazer, Amy. Está tudo bem?

- Sim, tudo bem. Igualmente.

- Entrem! Bebidas liberadas!

Os amigos comemoraram. Amy quis seguir com o grupo, mas

Oliver a entreteve, fazendo-a se separar dos demais. – Mora por perto, Amy?

- Sim, moro na rua Vernon.

- Ora, veja só. Somos praticamente vizinhos. Não me lembro de ter visto você. Estudou na Wanstead?

- Não. Na Buxton.

- Está explicado. Se estudássemos na mesma escola, com certeza me lembraria de você.

Amy sorriu. – E então, em que faculdade estuda?

- Westminster. E você?

- Ainda não decidi o que quero fazer.

- Entendo. É um grande passo e deve ser dado com cautela.

- Sim, sem dúvida.

Oliver observava o rosto de Amy sem disfarçar seu encantamento.

– Bebe alguma coisa?

- Um refrigerante, se tiver.

- Claro que tem. Venha, vou buscar para você.

Depois de um tempo conversando, Sarah se aproximou da amiga a tomando pelas mãos. – Venha, Amy, quero que conheça Greta, que vai para Nova York mês que vem, lembra que comentei com você?

- Sim, me lembro. – Amy se despediu de Oliver apressadamente, enquanto era carregada pela amiga. – Nos vemos, Oliver.

Oliver sorriu algo frustrado. Deu um longo gole em sua bebida e seguiu para um grupo que conversava no sofá.

A noite de Oliver já não era a mesma. Conversava e bebia como antes, mas sem que se desse conta, se via olhando para cada canto da casa de George, a procura de Amy.

Amy conversava com Greta e Sarah, no pequeno jardim na parte de trás da casa, quando Antony e David cruzaram o gramado, distraídos. Ao passar pelas amigas, Antony voltou os olhos para Amy, que igualmente se sentiu atraída pelo jovem de cabelos castanhos e olhos grandes.

Já não conseguia prestar atenção no que Greta falava. David percebeu o interesse do amigo. – Ei, vai fulminar a garota desse jeito.

- Conhece ela?

- Já vi em algum lugar. Vamos lá nos apresentar.

David se antecipou e seguiu até as moças, seguido por Antony.

- Como vão?

As amigas responderam, aguardando um motivo para a aproximação.

- Meu amigo aqui gostaria de lhe conhecer. – David se dirigiu a Amy, que sorriu com um entusiasmo contido.

Antony sorriu, um pouco sem jeito. – Como vai? Sou Antony.

- Olá, sou Amy.

Sarah e Greta se entreolharam. – Ei, e quanto a nós? Não quer nos conhecer? Sou Sarah, e essa é Greta.

- Prazer.

- E seu amigo?

- David. Me chamo David.

- Olá, David. Bem, agora que todos se conhecem, querem sentar conosco? Conversávamos sobre a viagem que Greta fará para Nova York. Já foram lá?

- Sim, duas vezes. – Antony respondeu já com certa desenvoltura.

A conversa seguiu animada, embora Amy e Antony pouco participavam. Se olhavam e notaram que o encantamento era recíproco.

Depois de algum tempo, Amy aproveitou uma brecha para fazer seu anúncio. – Bem, infelizmente preciso ir.

- Vamos com você, Amy.

- Quer que a gente acompanhe vocês até em casa?

- Obrigada, David, mas não é necessário. Amy e eu moramos perto daqui.

Sarah e Greta se despediam de David, enquanto Antony e Amy conseguiram, por fim, conversar com mais proximidade. – Fará alguma coisa amanhã?

Amy não esperava a objetividade da pergunta, mas conseguiu disfarçar o embaraço. – Nada em especial.

- Disse que quando foi para Nova York gostou de um restaurante tailandês de lá. Já foi em algum aqui em Leytonstone?

- Não. Você conhece algum?

- Sim, muito bom por sinal. Podemos ir amanhã. O que acha?

- Vou te passar meu número e amanhã nos falamos para combinar.

Antony e Amy se despediram ali mesmo, no jardim da casa. Oliver jogava cartas com alguns amigos e sua distração o impediu de ver Amy cruzando a sala a caminho da porta de saída.

Em Dawn, Claire e Charles conversavam no centro de planejamento.

- Fiquei feliz que tenha me chamado, Charles. Alguma notícia sobre Mia?

- Sam acabou de me dar informações valiosas de Londres.

Claire ouvia com atenção.

- O reencontro aconteceu como planejávamos. Amy sentiu afinidade instantânea com Oliver, mas suas emoções vieram à tona com a aproximação de Antony.

- Não imagina o quanto me tranquiliza saber.

- Agora que o trem está posicionado na direção correta, basta esperar que corra firme pelos trilhos.

- Charles, sei que perguntas demais são desnecessárias, mas, se for possível, gostaria que me esclarecesse uma dúvida.

- Responderei dentro do possível.

- Sei o quanto Mia se envolveu com Jessie, nutria por ele sentimentos verdadeiros, não tenho dúvidas, mas existe alguma possibilidade de Amy se deixar levar por seus sentimentos por John novamente?

- Está se esquecendo de um detalhe que faz toda a diferença neste caso. Para conhecer melhor a história de Amy. Oliver e Antony, antes, Mia, John e Jessie, precisa voltar no tempo um pouco mais.

- Na vida que compartilharam juntos em uma encarnação passada... - Claire respondeu sua própria pergunta. – O que aconteceu nesta época?

- Mia era Julia, uma moça de finos tratos e criada em uma família tradicional de Londres do fim do século passado. De espírito livre, não era presa ao tradicionalismo o qual foi criada. Nutria um sentimento especial por seu primo, Jonathan, que hoje, é Antony. Sentimento que era correspondido. Não é preciso dizer que tiveram imensa dificuldade em consolidar seus sonhos românticos. Suas esperanças de um futuro juntos tiveram fim quando Adam, hoje Oliver, um grande amigo de Jonathan conheceu Julia. De família influente, conseguiu fazer com que suas famílias aceitassem a ideia da união de ambos, apesar da contrariedade revelada de Julia e silenciosa de Jonathan. A amizade havia terminado. Já noiva de Adam, Julia e Jonathan ainda se encontravam inúmeras vezes. Muitos desses encontros, descobertos por

Adam, que encontrou meios de seguir os passos de sua prometida. Tomado pelo ódio, mandou seus homens darem uma lição em Jonathan, o machucando seriamente. Julia nunca soube do ocorrido. Jonathan casou-se com outra mulher e os primos nunca mais se viram. Julia e Adam formaram uma família e o amor do marido acabou por convence-la de que tudo estava onde deveria estar. Para Adam, Jonathan sempre representou ameaça constante, embora o antigo amigo jamais tenha tentado qualquer reaproximação com a prima após a emboscada sofrida.

- Por Deus...

- A providencia os fez regressar juntos mais uma vez e John só teria que abrir mão de Mia e deixar que a relação com Jessie fluísse naturalmente, algo que cedo ou tarde, acabaria acontecendo. Mas ao invés disso, nosso irmão se comprometeu ainda mais.

- Sim, infelizmente.

- Entende a razão pela qual Amy se sentiu atraída por Antony? Além do inegável sentimento de amor que os une, para ambos, ainda que não se deem conta, existe algo mal resolvido, uma história inacabada. E ela precisa acontecer pelas mãos de Oliver, que por sua vez, terá que aprender o significado da palavra `renúncia`.

- Acha que desta vez ele está pronto para tal?

- Sejamos confiantes, Claire. Os laços sanguíneos com Antony expurgaram muito de suas impressões dolorosas. Aguardemos.

Claire e Charles deixaram o centro de planejamento, esperançosos nos dias que viriam.

Antony e Amy se encontraram no restaurante Singburi, conforme haviam combinado por telefone. Estavam mais à vontade que da última vez, na casa de George. Antony falou sobre seus projetos de fazer faculdade de direito como o irmão, e da vontade de voltar a Nova York um dia.

Amy falou dos seus.

- Sempre estive em dúvida entre psicologia e medicina. Nos últimos anos meu pai me convenceu a optar pela medicina. Meu tio é um cirurgião bastante respeitado em Westminster e nenhum dos meus primos seguiu seus passos.

- Já se inscreveu para alguma universidade?
- Sim, Oxford e Cambridge.
- Oxford é bem longe daqui.
- Sim... é a preferida do meu pai.
- É a sua também?
- De certa forma, sim.
- Prefiro que vá para Cambridge.

Amy sorriu com a fala sincera de Antony.

Passaram a tarde conversando no pequeno restaurante. Na volta para casa, Amy já se dava conta de que suas emoções experimentavam algo que seu coração desconhecia até aquele momento. Percebendo que o frio aumentava, Antony tirou o grosso casaco para cobrir as costas de Amy, que agradeceu com visível encantamento. Caminharam pela rua Vernon a passos curtos, como quem evita a chegada ao destino certo. Mas ainda que não quisessem, se deram conta que a hora de se despedirem havia chegado. Estavam em frente à casa de Amy.

- Antony, não tenho palavras para agradecer. Adorei o restaurante. Obrigada.

- Sabia que iria gostar.
- Bem, tenho que ir...

Antony se aproximou de Amy devagar e tocando suavemente em seus cabelos, a trouxe para perto. – Quero ver você outra vez.

- Eu também.
- Posso vir aqui a noite? Podemos ir ao cinema se quiser.
- Sim, eu quero. – Amy respondeu enquanto Antony se aproximava ainda mais.

Se beijaram sob o céu cinzento de Leytonstone, enquanto uma neve fina começava a cair.

Estava feito.

Em casa, a tensão entre Oliver e Antony começava a dar sinais de trégua. Oliver começava a notar que em seu ser aflorava um instinto de proteção ao irmão mais novo que antes, conseguia evitar com mais facilidade.

Naquela mesma noite, conseguiram manter uma conversa amena por um longo tempo.

- Vai fazer alguma coisa hoje? Vou até a casa de George, quer vir?
- Hoje vou ao cinema com uma garota.

- Não me diga! Então se esqueceu mesmo da Cindy, pelo o que vejo.
- Espero que ela tenha se esquecido de mim.

Oliver soltou uma gargalhada diante da resposta sarcástica do irmão. – Acho muito difícil. A mãe disse que só esta semana ela ligou umas três vezes.

- Pois terá que esquecer. Estou em outra. E posso dizer que desta vez, a coisa pode ser séria.

- Não me diga. Quem é ela?
- Mora aqui perto, mas você não conhece com certeza.
- Então tá. Vou tomar um banho e saímos juntos.
- Se demorar eu vou sem você. Não quero me atrasar.
- Pobre Cindy... perdeu a oportunidade de agarrá-lo, veja, está mesmo apaixonado.

- Ainda está aí? Não vou esperar!

Oliver saiu do quarto apressado.

Amy já estava pronta meia hora antes do horário combinado com Antony. Pela primeira vez, cogitava a possibilidade de negar a vaga em Oxford. Não conseguia mais se imaginar longe de Londres.

Enquanto esperava por Antony, falou com Sarah pelo telefone e contou a boa nova. Admitiu pela primeira vez a alguém, se não ela mesma, de talvez estivesse apaixonada, pela primeira vez.

Na hora combinada, Oliver e Antony passavam em frente à casa de Amy.

- Eu fico aqui, Oliver. De um abraço no George por mim.
- É aqui que ela mora? Tão perto, com certeza a conheço.
- Acho difícil.
- Posso cumprimentá-la ou acha muito cedo? – Oliver perguntou com ironia.
- Se quer, fique. Mas depois siga seu rumo.
- Claro, meu irmãozinho, não tenho talento para segurar velas.

Antony se aproximou da porta de entrada enquanto Oliver aguardava na calçada.

Alguns segundos após tocar a campainha, a porta da casa se abriu.

Antony estava parado a soleira da porta, enquanto Oliver se mantinha parado na calçada, em frente à entrada. Diante da cena, mais uma vez Amy experimentou um Déjà vu ainda mais intenso ao do dia da festa, quando Oliver a cumprimentou. A neve começou a cair mais forte, fazendo com que

o cenário se torna-se ainda mais familiar.

Para Oliver, estar diante de Amy foi como se um balde água fria caísse sobre sua cabeça. Antony estava a parte da impressão negativa do irmão. Se aproximou de Amy e beijou brevemente. – Boa noite. Está pronta?

- Sim, estou. – Amy fechou a porta da casa e caminhou com Antony até a calçada.

- Amy, este é meu irmão, Oliver. Ele vai até a casa de George.

Amy se lembrou de Oliver e se surpreendeu com a coincidência. – Já fomos apresentados na festa do George. Como vai Oliver?

- Que mundo pequeno. – Antony comentou sem conseguir perceber o desconforto do irmão.

- Não lhe disse que já a conhecia, Antony? – Oliver demonstrou certa ironia, disfarçada de simpatia cordial.

- Vamos, então? Não quero perder a próxima sessão.

- Vou virar a esquina. Foi um prazer, Amy. Até mais, Antony.

O casal seguiu a calçada de mãos dadas enquanto Oliver atravessava para o outro lado da rua.

Antony tinha certa dificuldade em se dar conta do que ocorria em sua volta. Buscava não perder tempo em divagações sem fundamento e isso o fazia se manter equilibrado na maior parte do tempo.

Amy havia aprendido a conviver com sua sensibilidade aguçada. Já havia notado que Oliver lhe causava uma sensação desafiadora, algo que não conseguia decifrar. Já com Antony, suas emoções fluíam com leveza, como se seu coração soubesse o caminho. O fato de serem irmãos, a fez pensar sobre a inusitada coincidência por alguns segundos apenas, voltando em seguida ao momento romântico que aquele encontro lhe proporcionava.

Para Oliver, o cenário era um pouco diferente.

Profundamente perturbado com a visão de Amy e seu irmão juntos, cedeu rapidamente a seus impulsos em começar a pensar em uma maneira de virar o jogo a seu favor e fazer com que Amy lhe visse por fim, com o mesmo interesse que a via. Foi para a casa de George com as emoções em completo desalinho.

Naquela semana, Oliver se aproximou de Antony mais do que costumava fazê-lo. A amizade de Oliver era algo que Antony prezava com sinceridade, sem deixar de sentir certa desconfiança em suas atitudes. Porém, as colocava em baixo do tapete, dando pouca ou quase nenhuma importância

a seu instinto de proteção em relação ao irmão mais velho.

Duas semanas depois do encontro no cinema, Antony apresentou Amy a seus pais em um almoço em que Oliver estava presente.

Desafortunadamente, Oliver se dava conta de que a presença de Amy aumentava ainda mais seu desejo contido, o que fazia com que precisasse disfarçar seu desapontamento cada vez que se encontravam. Com o passar dos dias e a frequência de encontros em família, Oliver havia se transformado em um amigo, alguém em que Amy confiava sem restrições.

Antony e Amy costumavam frequentar pequenas festas em casa de amigos comuns. Em uma das reuniões, conversavam sentados na varanda a sós, enquanto os convidados ouviam música na sala.

- Está tudo bem? Sinto que está um pouco distante hoje.

Amy tomou um longo gole de seu refrigerante, como se quisesse ter mais tempo para ganhar coragem. – Antony, fui aceita em Oxford. Meu pai conseguiu um apartamento para mim nas redondezas.

Antony ficou em silêncio para entender melhor o que aquela informação representava de fato. – Oxford? Vai morar em Oxford então?

- Sim, virei nos fins de semana.

Antony recostou na cadeira de vime. – Uau...

- Estou tão desapontada quanto você.

- É um grande passo, Amy. Deveria estar feliz e não desapontada.

Amy enxugou algumas lágrimas antes que começassem a cair.

- Amy... não fica assim. – Antony se aproximou, a abraçando com carinho. – Não quero que fique triste, entendeu?

- Não quero ficar longe de você.

- Quase não nos vemos durante a semana. O que mudará de fato? – Antony segurou o rosto de Amy, enquanto olhava firmemente em seus olhos.

- Isso não funciona, Antony. Ouvi muitas histórias assim... nenhuma delas acabou bem.

- Não eram as nossas histórias. Não somos como os outros. Vai estudar medicina em Oxford! Parou para pensar nisso?

- Sim... - Amy respondeu com desânimo.

- Quando começam as aulas?

- Daqui a um mês.

- Já? – Antony não conseguiu disfarçar o desapontamento espontâneo.

- Semana que vem tenho que me apresentar para algumas entrevistas de

admissão. Terei entrevistas de segunda a sexta. Voltarei no fim de semana.

- Entendo...

- Também na semana que vem terei a resposta de Cambridge. Se me aceitarem poderei considerar a possibilidade.

- O Que seu pai diria?

- Ficaria desapontado, certamente, mas Cambridge também é uma excelente universidade. E a decisão terá que ser minha afinal de contas.

Antony deu um longo suspiro. – Que tal não falarmos mais disso hoje? Vamos só ficar juntos como se o futuro não existisse, só hoje.

Amy sorriu. – Vamos parar o tempo nesta noite.

- Já está parado. Pode sentir?

Amy e Antony se levantaram e começaram a dançar juntos uma música que apenas os dois ouviam. Amy já havia se acostumado com os insights que tinha. Dançava com Antony como se aquela cena lhe fosse familiar e profundamente prazerosa.

Antony gostaria de estar tão confiante quanto quis parecer. Seu coração estava apertado, começava a experimentar um medo que desconhecia. Com algum esforço, conseguiu acreditar em suas próprias palavras e passou a noite sem pensar nos dias que viriam.

As constantes negativas diante de sua real preocupação com a ida de Amy para Oxford abalavam de forma significativa o sistema imunológico de Antony. Quando as coisas se tornavam mais complicadas, era comum que padecesse de alguma enfermidade que o deixava de cama por alguns dias. Como se toda a tensão que ignorava se juntasse para vir à tona de uma só vez.

Quatro dias após o anúncio de Amy, Antony não conseguiu sair da cama pela manhã. Com febre alta e uma terrível dor de garganta, seu organismo voltava a padecer dos efeitos consequentes de sua baixa imunidade.

Apesar da ajuda de Sam e de outros espíritos amigos, Antony precisou ainda da visita do médico da família, que o aconselhou a ficar em repouso até que os antibióticos comesçassem a fazer efeito.

No fim de tarde de domingo, Amy foi até a casa de Antony para se despedir. Passaria uma semana em Oxford para as entrevistas de admissão.

Grace abriu a porta e se alegrou com a visita.

- Que bom que está aqui, Amy! Entre, fiz um bolo de laranja delicioso.

- Obrigada, Grace. Antony, está melhor?

- Está na mesma, minha filha. Já estou acostumada. Desde pequeno tem esse problema, já foi operado da garganta, mas parece que não melhorou em nada com a cirurgia. Vez ou outra nos dá esse susto.

- Irei para Oxford com o coração apertado.

- Não é necessário. Vá tranquila. Em alguns dias ele estará de pé novamente. Vá se acostumando. – Grace cortou um generoso pedaço de bolo e serviu Amy com presteza. – Prove, veja o que acha. Vou passar um café para nós.

Passados alguns minutos, Oliver entrou na cozinha. – Ora, ora, então dona Grace fez um bolo! Amy, melhor que venha mais vezes.

- Veja só! Como se eu não fizesse bolo quando vocês me pedem!

Oliver beijou a fronte da mãe. – Estou brincando, Amy sabe que a senhora é a melhor mãe do mundo.

Amy sorriu. – E este bolo está uma delícia mesmo, Grace. O melhor que já provei.

- Leve um pedaço para casa. Faço questão.

Oliver se sentou ao lado de Amy e se serviu de uma fatia de bolo. – E então, Amy. Antony comentou que terá que passar uma semana em Oxford. Quando irá?

- Amanhã cedo.

Grace lavou as mãos na pia asseada e tirou o avental. – Vou deixar que Oliver lhe faça companhia pois terei que ir até a farmácia. Amy, não vá embora antes que eu chegue.

- Não vou, Grace. Não se preocupe.

Grace saiu, deixando Amy e Oliver sozinhos. O coração de Oliver batia acelerado.

- Como vai o estágio, Oliver?

- Muito bem. Não vejo a hora de terminar a faculdade e ser efetivado.

- Imagino sua ansiedade.

- E eu, a sua. Oxford! Deve estar orgulhosa de si mesma.

Mia expressou profunda tristeza em seu longo suspiro.

- Ei, verá Antony todos os fins de semana. Qual é o problema?

- Estou insegura, Oliver. Em breve Antony iniciará a universidade também. Vai conhecer outras pessoas... e eu estarei tão distante.

- Aqui ou lá correria o mesmo risco, não acha?

- Pode ser... Oliver, Antony teve muitas namoradas?

Por fim, Oliver encontrou a brecha de que precisava para colocar em prática um plano que ainda não havia elaborado com precisão, mas que tinha objetivos bem definidos.

- Sim, teve algumas. Todos namoros breves. Antony se desinteressava com a mesma facilidade com que se apaixonava.

Amy ouvia, desapontada.

- Por isso mamãe lhe tem tanto carinho. Ela lhe vê como uma esperança de que Antony por fim, consiga sossegar os ânimos.

- Não imaginava que Antony fosse desse jeito.

- Por favor, não fale com ele que falei dessas coisas com você. Estamos mais próximos e não gostaria que nossa relação voltasse a ficar distante.

- Não direi nada. Fique tranquilo.

- Nós gostamos muito de você e torcemos para que ele não repita seus antigos feitos.

O humor de Amy exalava amargura diante da fala de Oliver. Se antes seu coração pesava em seu peito, naquele momento podia senti-lo sangrar. – Melhor eu ir vê-lo. Não quero chegar tarde em casa, ainda não arrumei minhas coisas.

- Vá. E lembre-se que pode contar comigo. Estarei aqui sempre que precisar.

- Obrigada, Oliver.

Amy subiu as escadas devagar, experimentava um desapontamento que precisava disfarçar quando entrasse no quarto de Antony. Tentou se convencer de que sua história seria diferente. Entrou no quarto e encontrou Antony adormecido. Se aproximou e se sentou na beira da cama. Olhava para seu rosto enquanto se lembrava das palavras de Oliver. Passou a mão por seus cabelos com carinho e beijou seu rosto.

- Amy...

- Desculpa acordá-lo.

- Não precisa se desculpar, dormi a tarde toda. – Antony se esforçava para se levantar enquanto Amy ajeitava o travesseiro em suas costas. – Como se sente?

- Creio que estou melhorando. Irá amanhã?

- Sim. Bem cedo.

- Uma semana passará rápido, você vai ver.

- Eu poderia pedir que adiassem as entrevistas, não me prejudicaria em nada.

- De jeito nenhum. Vá tranquila. Estou melhorando. Quando voltar estarei novo em folha.

- Amo você, Antony.

Antony sorriu, ditoso com a declaração espontânea. – Eu também te amo. Venha cá, não quero que fique triste assim.

Antony deitou a cabeça de Amy em seu ombro. – Vai se sair muito bem nas entrevistas, tenho certeza.

Amy já conseguia sentir sua alma leve novamente, mas ainda via sua ida a Oxford como um entrave para sua felicidade com Antony.

Naquela noite, Sam conduziu o espírito desdobrado de Amy até Dawn, enquanto seu corpo físico repousava.

Experimentando um estado de semi- consciência, volitou com a ajuda do amigo espiritual até o Instituto de Planejamento, onde Charles e Claire a aguardavam.

- Obrigado, Sam. Nosso encontro será breve, infelizmente. Nossa irmã terá compromissos importantes amanhã e não guarda repouso completo da mente.

- Sim, está bastante apreensiva com os eventos que virão.

Amy se aproximou e sorriu para Claire com simpatia, embora conscientemente não conseguia decifrar a razão. A irmã retribuiu o gesto enternecedor.

Charles tomou a palavra. – Minha irmã, serei objetivo. Daqui para frente experimentará emoções que outrora já fizeram parte de sua jornada, mas o fato é que sabemos que quando aceitamos o desafio de voltar a carne, nos colocamos diante de aprendizados que nos desafiam a fortalecer nossas bases sólidas naquilo em que acreditamos. Gostaria que guardasse em seu íntimo a certeza de Antony está em seu caminho por uma razão. Jamais se incline para divagações que em nada acrescentam seus propósitos. Cada um é livre para falar e agir como queira, mas devemos saber ignorar os redemoinhos que se formam em nossa volta, para que nossos passos não sejam vacilantes.

Amy ouvia com atenção.

- Volte a seu corpo de carne com esta certeza e saiba que muitos

amigos invisíveis estão ao seu lado. Vá em paz.

Amy caminhou até Claire e se despediu com um abraço.

Quando o despertador anunciou as cinco e meia da manhã daquela manhã chuvosa, Amy despertava com o coração plácido.

Juntou as duas pequenas malas que havia feito no dia anterior e seguiu com seu pai para Oxford.

O estado de Antony apresentou discreta melhora já na segunda-feira, porém, temendo uma recaída, foi instruído pelo médico a manter o repouso.

Assim que chegou em Oxford, Smith deixou a filha na universidade e foi tratar de fechar o negócio com o corretor de imóveis que havia conversado por telefone. O apartamento que alugaria para a filha era simples e bem próximo a faculdade.

A entrevista de Amy seria no Oxford Occupational Health Service. Os caminhos que a levaram até seu destino eram repletos de árvores com algumas flores amareladas. Os prédios eram baixos, porém imponentes. Amy olhava para cada detalhe com atenção, mas seu coração constantemente a levava de volta para Leytonstone.

Seus pensamentos ainda voltavam as palavras de Oliver naquele domingo de despedida, mas seu efeito já era bem menos devastador.

Naquela noite, Smith e Amy dormiram em um hotel próximo e no dia seguinte, Amy já se acomodava em seu novo apartamento. Smith voltou para Leytonstone e Amy seguiu sua rotina de entrevistas.

No terceiro dia, após deixar o campus, Amy caminhou por entre os jardins da universidade por algumas horas. Aquele pequeno passeio improvisado trazia uma paz profunda para seu coração e sem a presença de Antony ou Smith, conseguiu pensar em sua vida e em seus projetos de forma neutra.

Entendia o tamanho de sua conquista, mas seus sentimentos por Antony facilmente anulavam o entusiasmo que qualquer planejamento trouxesse a sua vida, se Antony não estivesse envolvido nele.

Haveriam finais de semana em que não poderia voltar a Leytonstone, estava ciente. Aos poucos, a distância se tornaria algo comum e inevitável.

Suas inclinações começavam a se tornar óbvias, até que

naquela mesma tarde, uma ligação deu o último empurrão para o passo tão importante.

Cambridge ligava para marcar uma entrevista de apresentação.

Amy entendeu aquele telefonema como um sinal. Faria seu curso em Cambridge e não precisaria sair de Leytonstone, não precisaria se afastar de Antony.

Sentiu uma emoção profunda ao se dar conta de que seu impasse estava, por fim, resolvido. Ligou para Sarah para dar a boa notícia. Voltaria para Casa no dia seguinte bem cedo.

Quis o destino que os caminhos de Oliver e Sarah se cruzassem naquela noite. De volta para casa, Oliver caminhava pensativo pela calçada quando foi surpreendido. – Ei! Chamei você duas vezes! Está surdo ou o que?

- Desculpe, estava distraído.

- Eu percebi. E então, o que anda fazendo, Oliver? Quase não aparece mais nas festas. Está tudo bem?

- Sim, tudo bem. Muita coisa para fazer no trabalho, faculdade... enfim. Tenho que me virar em mil para dar conta de tudo.

- Entendo. E Antony, está melhor?

- Melhorou um pouco.

- Amanhã já estará refeito. Você vai ver.

- Por que diz isso?

- Não conte para ele, Amy quer fazer uma surpresa, está bem?

- Não vou contar, não tenho tempo para fuxicos, Sarah. Conte-me, que surpresa é essa?

- Não tem tempo para fuxicos, mas está bem curioso. – Sarah sorriu com ironia.

- Você quem começou, engraçadinha.

- Está certo. - Sarah continuou. – Então, Amy foi aceita em Cambridge e decidiu que não vai mais ficar em Oxford!

Oliver recebeu a notícia com desapontamento. – Não me diga...

- Que coisa, não? O pai dela vai pirar, já tinha alugado um apartamento e tudo. Antony tem muita sorte. Ela o ama de verdade.

As palavras de Sarah eram como facas afiadas que atingiam Oliver sem piedade.

- E ela volta amanhã?

- Sim, vai sair de lá seis da manhã com destino ao quarto de Antony!

- Pena que eu não estarei aqui para vê-la e lhe parabenizar pela coragem.

- Terá muito tempo para isso.

Oliver chegava à esquina da sua rua. – Fico por aqui, Sarah. De um abraço em todos, diga que aparecerei em breve.

- Esperamos que sim!

Os amigos se despediram com um breve abraço.

A noite de Oliver não era mais a mesma. Com os pensamentos em desalinho, se sentou em sua cama e começou a imaginar o quanto seria difícil ter que compartilhar novamente da felicidade de Amy com o irmão.

Se deitou com as mãos sobre o rosto e após alguns minutos, conseguiu ter um vislumbre daquilo que o livraria de seu suplício.

Pegou o telefone e respirou fundo, decidido.

- Cindy? É Oliver.

- *Oi! Tudo bem?*

- Sim, quase tudo.

- *Como assim? Antony está bem?*

- É sobre ele que quero falar.

- *Por Deus, Oliver! O que aconteceu?*

- Nada grave, está de cama com os problemas de sempre, mas já está se recuperando. O assunto é outro. Quero lhe fazer uma pergunta muito séria.

- *Me deu um susto! Que pergunta?*

- Está disposta a fazer qualquer coisa para ter Antony de volta?

- *Sabe que sim. Nem precisa perguntar.*

- Ótimo. Surgiu uma chance para você. Só precisa fazer o que vou lhe dizer. E fazer bem feito.

- *Sabe que sempre faço bem feito, Oliver. É só dizer.*

Oliver instruiu sua nova aliada, confiante. Mais tarde, levou uma xícara de chá quente para Antony, que aceitou sem desconfiar que tomava um calmante poderoso que o deixaria pronto para que Cindy executasse sua parte no plano astuto.

- Sente-se bem, meu irmão?

- Estou bem melhor, amanhã pretendo sair dessa cama. Dr. Phill é exagerado, você sabe. Não vejo motivos para ficar de molho desse jeito.

- O vejo muito bem. Não vejo motivos para que continue acamado. Bem, vou dormir, estou exausto e amanhã um longo dia me espera.

- Até amanhã, obrigado pelo chá.

- Não se acostume!

Antony sorriu e se acomodou por entre as cobertas.

Oliver saiu do quarto e se demorou no corredor, recostando-se na parede. Seu coração estava apertado. Pensou em ligar para Cindy e desfazer o combinado, mas seu impulso foi contido com as lembranças de Amy e Antony juntos. Seguiu para seu quarto tentando não pensar mais no assunto, pelo menos por aquela noite.

O dia amanhecia sem neve, mas o vento frio era o convite para mais alguns minutos na cama. Assim amanheceu Londres, preguiçosa e sem cor.

Em Oxford, Amy se preparava para deixar o apartamento e pegar o táxi para Leytonstone. Estava segura e confiante na decisão que havia tomado no dia anterior. Depois que deixasse a casa de Antony, daria a notícia de sua decisão a seus pais. Sabia que teria um grande problema pela frente, mas nada que o tempo não fosse capaz de amenizar.

Para Oliver, a madrugada fria aumentou ainda mais a onda de mal-estar que seu coração experimentava. Dormia e acordava diversas vezes, enquanto Antony experimentava o sono profundo provocado pela medicação que o irmão lhe oferecera.

Não tardou para que Oliver abrisse a porta para Cindy, que aguardava com um sorriso de vitória no rosto.

- Então, tudo encaminhado?

- Sim. Antony a espera.

Cindy sorriu, subindo as escadas em silêncio. Quando entrou no quarto de Antony, olhou com carinho para o rosto daquele a quem não havia esquecido e passou os dedos por seu rosto, bem devagar. – Um dia irá me agradecer pelo que fiz, Antony. Nós dois sabemos que não teremos com outras pessoas o que tivemos.

Cindy tirou o casaco e a camisa, jogando-os sobre a escrivaninha e delicadamente se deitou ao lado de Antony. Fechou os olhos e esperou pelo próximo ato que não tardaria em chegar.

Após algum tempo, Grace e Henry já estavam na cozinha tomando o café. – Preciso estar na oficina cedo, Grace. Não quero ficar o dia inteiro lá.

- A oficina ainda está fechada. Tome o café com calma!

- Jack vai abrir mais cedo a meu pedido, por isso não quero me

demorar.

- Vá então! Vai acabar me dando uma úlcera ver você nessa agonia.

Henry pegou dois biscoitos e saiu. Grace terminava de recolher as xícaras quando ouviu a campainha tocar. Era Amy. Grace a recebeu com surpresa.

- Minha filha! O Que faz aqui? Entre!

- Desculpe não avisar, quis fazer uma surpresa para Antony.

- Não se preocupe com isso, só estranhei estar aqui no meio da semana.

Tudo bem na faculdade?

- Sim, tudo. Se incomoda se conversarmos depois? Estou ansiosa para ver Antony.

- Como vou me incomodar? Vá, vá! Ele vai ficar feliz com a surpresa!

Amy subiu as escadas apressada. Abriu a porta do quarto de Antony com um sorriso no rosto, mas teve uma desagradável surpresa.

Demorou a acreditar no que via. Antony deitado, abraçado a outra mulher. Cindy estava acordada, embora estivesse com os olhos fechados. Ouviu a porta do quarto bater e pode abrir os olhos. Estava feito. Agora precisaria enfrentar a fúria de Grace, que com certeza viria.

Amy desceu as escadas sem se dar conta de seus próprios passos. Estava transtornada. Passou pela cozinha e seguiu na direção da porta.

- Amy? O que houve? Por que está indo embora assim?

- Não posso falar agora, Grace. – Nesse momento, Amy conseguiu chorar.

- Sente-se aqui. Por Deus! Antony está bem? O que houve?

- Está muito bem, tem uma mulher em sua cama!

- Como disse? Que mulher?

- Me deixe ir, Grace. Por favor!

- Não pode ser assim. Vou lhe dar um copo de água.

- Não quero água. Não se preocupe comigo. – Amy se levantou bruscamente e saiu.

Grace ficou de pé na cozinha, sem entender o que havia se passado diante de seus olhos. Foi até o quarto de Antony confirmar o que seus ouvidos haviam escutado.

Amy estava certa.

Antony e Cindy dormiam abraçados.

- Acordem! Acordem agora!

Cindy dissimulou surpresa. Antony se mexeu, sem abrir os olhos.

- Grace? – Cindy buscou sua roupa e se vestiu com pressa.

- Passou a noite aqui, Cindy? Não a vi chegar ontem.

- Oliver abriu a porta para mim. Cheguei tarde e Antony estava dormindo. Fiquei com pena de acordar e me deitei ao seu lado. Acabei pegando no sono. Me desculpe.

- Quando vocês voltaram a se ver?

- Só vim visitá-lo, Grace. Soube que estava doente.

- E se deitou na cama dele?

- Achei que ele não se importaria.

- Ele tem namorada, Cindy. Sabia disso?

- Soube que não era nada sério.

- Pois soube errado.

O tom forte na voz de Grace começou a acordar Antony aos poucos.

- O Que está havendo? Cindy? O Que faz aqui?

- Vim ontem à noite ver como estava e me deitei ao seu lado para esperar que acordasse. Acabei dormindo também.

- Devia ter me acordado.

- Vou esperar lá embaixo, - Grace deixou o quarto visivelmente contrariada.

- Antony, me desculpe. É que soube que estava doente e fiquei preocupada.

- Agradeço, Cindy, mas não faça mais isso. As coisas não são mais como antes.

- Porque você não quer.

- Cindy. Por favor, não quero ser grosso com você, mas preciso que vá embora.

- Antony, um dia vai perceber que ninguém vai amar você como eu amo.

- Bom dia, Cindy.

Cindy saiu do quarto com a missão cumprida.

Assim que deixou a casa, Grace voltou ao quarto do filho. Antony já estava de pé, mais bem disposto.

- Antony, não a viu mesmo chegar ontem à noite?

- Claro que não, mãe. Acha que a teria deixado ficar? Cindy é louca.

- Por Deus... - Grace se sentou na quina da cama.

- O que foi?

- Amy veio ver você. Disse que queria fazer uma surpresa.

- Amy?

- Sim.

- Ela nos viu aqui? – Antony fez a pergunta com o tom de quem já sabia a resposta.

- Sim...

Antony abriu o armário e escolheu a primeira roupa que encontrou. – Não acredito ...

- Está bem para sair, filho?

- Estou ótimo, mãe. Não se preocupe.

Em tempo recorde, Antony chegou à casa de Amy. Foi atendido por Pam com cordialidade. – Olá, Antony, como está?

- Estou bem, senhora Pam. A Amy está?

- Sim. Entre!

Antony imaginou que Pam desconhecesse o ocorrido em seu quarto.

- Ela lhe avisou que voltaria hoje, Antony?

- Não... na verdade, bem, na verdade minha mãe a viu chegar e comentou comigo. - Ah sim, pois é. Disse que hoje acordou com um pouco de febre e resolveu remarcar as entrevistas que faltam para a semana que vem.

- Poxa... Que pena.

- Vá vê-la. Se precisarem, estou aqui embaixo.

- Tudo bem.

Antony foi ao encontro de Amy com o coração nas mãos.

Deitada em sua cama, Amy já trazia os olhos vermelhos e as feições abatidas.

- Amy... por favor, me escute.

- Antony, quero ficar sozinha.

- Vou deixa-la sozinha, mas antes precisa me ouvir.

- Seja breve,

- Cindy foi até minha casa ontem à noite. Eu já estava dormindo e ela se deitou ao meu lado ao invés de me acordar. Não aconteceu nada, Amy. Eu nem se quer sabia que ela estava lá.

- Antony, estou cansada. Exausta na verdade. Quero ficar sozinha.

- Sua mãe disse que teve febre, está tudo bem?

- Não. Preciso dormir. Preciso descansar e não está me ajudando. Por favor, vá embora.

- Vou embora agora, só me diga que acredita em mim. Por favor.

- Vá embora, Antony. Nos falamos antes da minha volta a Oxford.

Desalentado, Antony seguiu em direção a porta. Antes de deixar o quarto, se virou com desânimo. – Eu te amo, Amy. Não esqueça disso.

Antony seguiu de volta para a casa.

O coração de Amy experimentava mais uma vez a sensação já conhecida de que Antony se encaixava em seu mundo, como ninguém. Mas essa sensação, tão acolhedora, se tornava um fel amargo diante da forma como as coisas haviam se desenhado naquela manhã.

À noite, Oliver recebeu a notícia do ocorrido com aparente pesar.

- Que coisa, mãe! Se eu soubesse que Cindy seria tão inconsequente, teria a levado até o quarto do Antony pessoalmente.

- Quem imaginaria tal coisa?

- Pobre Antony. Estava tão apaixonado.

- Isso vai passar, filho. Eles vão se entender de novo.

- Disso não tenho dúvidas.

As emoções de Oliver estavam divididas. Por um lado, estava satisfeito com o resultado de seu plano, mas essa satisfação esbarrava em pensamentos de culpa que não lhe deixavam desfrutar de sua vitória como gostaria.

Para Antony os dias se arrastavam sem que tivesse notícias de Amy. Sentia um desejo quase incontrolável em procurá-la, mas resolveu esperar pelo combinado.

No sábado à tarde, sua aflição chegava ao fim. Pelo menos em parte. Se por um lado, sua angústia com o silêncio de Amy chegava ao fim, por outro, as notícias que receberia não eram as que esperava.

O encontro seria na casa de Antony. Amy chegou no horário combinado. Foi recebida por Grace com um longo abraço.

- Estava com saudades, filha. Como você está?

- Estou bem, Grace. Senti sua falta também.

- Antony está te esperando no quarto. Ele acha que ficarão mais à vontade lá.

Amy sorriu e seguiu em direção as escadas.

Antony a aguardava sentado em sua escrivaninha. Estava abatido devido a uma leve recaída do quadro inflamatório, mas se esforçava para

manter-se firme. Puxou uma pequena poltrona para que Amy se sentasse.

- Antony, pensei em tudo o que aconteceu nos últimos dias e decidi que será melhor para nós dois que fiquemos um tempo distantes.

Antony tentou disfarçar o mal-estar e se manteve em silêncio, como um sinal para que Amy prosseguisse.

- Creio que ambos estamos em uma fase da vida em que temos que ser livres de amarras. Em breve você também estará na faculdade e terá que ter a mente livre para se dedicar a nova vida.

- Pensava assim antes daquela manhã?

- Sim, pensava.

- Então veio aqui naquele dia para isso?

- Sim... - Amy mentiu para que pudesse se libertar de Antony sem dificuldades.

- Entendo.

- Eu preciso ir.

Amy se levantou e Antony a acompanhou até a porta. – Boa viagem, Amy. E boa sorte em Oxford.

- Boa sorte para você também.

Amy desceu as escadas com o coração em pedaços. Deu um longo abraço de despedida em Grace e Henry. Oliver a acompanhou na saída. Pararam na calçada em frente à casa. – Oliver, devia ter ouvido você. Obrigada por tentar abrir meus olhos sobre o Antony.

- Esqueça isso. Terá um caminho brilhante pela frente. É nisso que deve pensar agora.

- Venha nos ver de vez em quando. Não se esqueça que tem amigos aqui.

- Nunca vou esquecer.

Oliver abraçou Amy com carinho. Fechou os olhos e desejou por alguns segundos que aquele momento durasse para sempre, mas Amy tinha que partir. Saiu do seu abraço e seguiu para a rua Vernon.

Naquele dia, Antony não saiu do quarto. Se sentia profundamente atingido emocionalmente, como se nada no mundo pudesse ser capaz de suprimir sua dor.

Na manhã daquele domingo, Amy seguia com o pai para Oxford. Seguia para sua nova vida, disposta a esquecer de Antony e de tudo o que acreditou ser possível no momento em que se conheceram. Estava virando

uma página de sua vida, sem chance de voltar atrás.

Em Dawn, Charles recebia a notícia do ocorrido em Leytonstone. Foi ao encontro de Adolph e Claire naquele mesmo instante.

- Desculpem-me por pedir uma reunião de última hora. Sei que estavam ocupados em suas funções, mas as notícias pedem nossas imediatas diligências.

- Amy está bem?

- Dentro do possível. A questão é que as coisas estão saindo como imaginávamos inicialmente.

- Então já temos que começar a pensar sobre o planejamento de Oliver.
- Adolph complementou a fala do amigo.

- Desculpa, não entendo. O planejamento inicial seria Oliver receber Antony sem reservas e abrir mão de Amy por sua própria vontade, é o que está acontecendo, afinal? - Claire se dirigiu aos mentores com preocupação.

- Em realidade esse foi o planejamento, mas já imaginávamos que essa seria uma missão difícil para nosso irmão.

- Entendo. Desafortunadamente ele correspondeu as expectativas.

- Sim..., porém, ainda assim houve progresso. Oliver consegue nutrir bons sentimentos por Antony, algo que parecia impossível outrora. Desta vez, estreitaremos ainda mais os laços.

- E como será feito?

- Pela benção do recomeço, Claire. A eterna benção do recomeço.

Charles prosseguiu após pequena pausa. - Vamos ao instituto de planejamento. Lá alguns irmãos também envolvidos no projeto nos aguardam.

Claire acompanhou os mentores até o instituto. O céu de Dawn ainda brilhava pela luz do sol e a brisa fresca tocava as copas das árvores fazendo com que algumas pequenas folhas se soltassem e caíssem ao chão. O caminho até o instituto era repleto de verde e flores. O pequeno grupo seguiu sem pressa, confiantes na providência que não se descuida do dever a ser cumprido, no céu ou na Terra.

Parte 3

Leytonstone

Seis anos depois.

Grace terminava de preparar o molho de tomates enquanto Henry esticava a toalha rendada sobre a mesa.

- Quando eu terminar a macarronada você fica de olho no peru para mim, Henry. Ainda tenho que tomar banho.

- Não precisa essa pressa toda. Ainda temos uma hora pela frente. Sem contar que eles sempre se atrasam.

Envolvida com as panelas, Grace ignorou comentário do marido. – Já terminei. Não vai esquecer do peru, Henry! Qualquer coisa é só me chamar.

Henry virou os olhos e prosseguiu com a arrumação da mesa.

Antony havia se formado em direito há alguns meses e dividia um

apartamento pequeno em London Bridge com um amigo que conheceu na faculdade. Ambos trabalhavam em um escritório próximo.

Oliver trabalhava no mesmo lugar e havia se mudado para um endereço próximo a família.

A relação dos irmãos havia melhorado consideravelmente. Oliver se sentia profundamente culpado pela separação de Antony e Amy e inconscientemente tentava compensar o irmão pelo terrível dano sofrido. Dano que era visível aqueles que o conheciam bem. Antony dedicava-se ao trabalho praticamente em tempo integral. Teve breves relações rasas que não conseguiam fazer com que seu coração experimentasse as mesmas emoções que sentiu com Amy. Tinha no irmão e nos amigos próximos o alento de que tanto precisava.

A aproximação de Oliver fazia com que a confiança de Antony pelo irmão mais velho crescesse consideravelmente.

Antony e Amy nunca mais se falaram. Oliver chegou a visitá-la em Oxford algumas vezes durante o primeiro ano, mas os compromissos crescentes começaram a limitar o tempo livre de ambos, espaçando mais as visitas, até que findaram por completo, restando apenas esporádicos contatos por telefone.

O almoço que Grace preparava sempre com tanto esmero era o momento em que a família podia estar reunida novamente, uma rotina que a matriarca defendia com afinco.

Aquele em especial, Oliver teria um anúncio importante a fazer. Chegou primeiro à casa dos pais. Antony chegou alguns minutos depois.

Grace e Henry ouviam com atenção as histórias dos filhos, que a cada encontro tinham sempre novidades para contar.

- Então, Oliver. O vinho que trouxe é para comemorar o que exatamente?

- Calma, senhor Henry. Primeiro vamos brindar. Antony, passe a garrafa.

Oliver abriu a garrafa de vinho com entusiasmo e Antony o ajudou a servir.

- Bem, proponho um brinde ao mais novo sócio da Farew Advocacia, na cidade de Nova York. Eu!

Todos aplaudiram. Henry era o mais empolgado com o anúncio.

- Filho, que orgulho!

- Parabéns, filho! Mas, Nova York? Não podia ser aqui?

- Não, mãe...infelizmente não.

- Nova York é demais, Oliver! Parabéns! – Antony tocou o ombro do irmão que retribuiu com um sorriso. – Obrigado. Estou bem ansioso.

- Quando você vai?

- Mês que vem, mãe.

- Mas já?

- Grace, deixa o menino curtir a novidade.

- E por acaso não estou deixando? Só acho apressado demais.

Os irmãos riram com a pequena discussão dos pais, algo corriqueiro naquelas ocasiões.

Após o almoço, Antony e Oliver conversavam na sala.

- Como está no escritório, Antony?

- Tudo bem. Sempre muito trabalho.

- Isso é bom. E aí, arrasando muitos corações por aí?

- Não tenho tempo para isso, Oliver.

- O que? Sempre temos tempo para isso.

- Se está dizendo...

- Amy não deu notícias? Sarah comentou que ela já havia terminado a residência.

Oliver havia tocado em um assunto delicado para Antony. Seu semblante mudou ao ouvir o nome de Amy, nome que apesar do tempo, ainda ecoava em seus pensamentos.

- Não, não deu notícias.

Oliver conhecia bem o irmão. Sabia o efeito que Amy ainda causava e, Antony.

- Sinto muito, cara.

- Tudo bem. É passado. Deve ficar exatamente onde está.

Sarah estava certa. Amy havia terminado o curso e estava pronta para deixar Oxford.

Assim como Antony, Amy não havia deixado o passado para trás. Se dedicou aos estudos com afinco para se esquecer dos momentos que compartilhou com Antony em Leytonstone e da cruel constatação de que tudo o que havia planejado para sua vida, jamais aconteceria.

Oliver já havia se mudado para Nova York quando Amy começou a preparar sua volta para casa.

Faltando uma semana para o regresso de Amy, Grace havia marcado mais um almoço de família. Desta vez, Antony havia chegado primeiro. Henry assistia televisão enquanto mãe e filho conversavam na cozinha.

- Seu irmão está tão feliz no escritório novo. Disse que essa semana ficará no escritório aqui em Londres para cuidar de algumas pendências, mas que praticamente tudo por lá já está caminhando.

- Que boa notícia, mãe. Acho até que Oliver se parece bem mais com Nova York que Londres.

- Você acha? Pois para mim, felicidade completa seria ter vocês perto de mim.

Antony tocou com carinho as mãos da mãe, que descansavam sobre a mesa. Grace sorriu. – E você, filho? Tem se divertido ou só trabalhado?

- Me divirto sempre que dá.

- Você e Amy não se viram mais?

- Não. – Antony respondeu após uma respiração longa.

- É verdade que vai voltar para Leytonstone?

- É o que dizem por aqui.

- Filho, sei que ainda ama Amy. Conheço você. E tenho certeza que ela ainda ama você também. Quem sabe dessa vez vocês não conseguem se entender?

- Eu acho que a senhora não deveria se preocupar com isso. Seguimos com nossas vidas e é isso o que importa.

Grace fez uma expressão de desânimo.

- Qual o horário do voo do Oliver?

- Ele disse que pousaria as onze.

- Vai dar uma hora da tarde. O voo deve ter atrasado.

O telefone tocou estridente, chamando a atenção de Grace e Oliver, que seguiram para a sala. Henry havia atendido a ligação.

- Sim, é a casa dos pais dele, algum problema?

Grace se aproximou. – O que foi Henry?

- Espere, vou anotar o número. – Henry havia perdido a cor. Anotou um número de telefone se sentou.

- O que foi Henry? Por Deus!

- Pai, está tudo bem?

Henry suspirou como quem buscasse forças para o que precisava dizer. – Antony, ligue para esse número. É o hospital para onde levaram seu irmão.

Ele sofreu um acidente de carro hoje de manhã.

Grace levou as mãos à cabeça. – Meu filho! Como é possível, Henry? Como ele está?

- Não sei bem, Grace, parece que é grave.

Grace se sentou aos prantos.

- Se acalme, mãe, vou buscar um copo de água para vocês. Eu ligo para o hospital, mas se acalmem, por favor.

Henry estava atônito. Após acalmar a mãe, Antony ligou para o hospital em Nova York e constatou o que seu coração custou a acreditar. Antony havia perdido seu irmão. Oliver estava morto.

Em Dawn, Charles e Sam ajeitavam Oliver cuidadosamente sobre a maca do centro de apoio.

-Bem-vindo de volta, meu irmão. – Charles tocou a frente de Oliver, que se mantinha desacordado.

- Sam, precisamos que alguém fique ao lado de Oliver até que desperte em definitivo. Não podemos perde-lo para o desequilíbrio mais uma vez.

- Nosso irmão Brian cuidará disso. – Com discrição, Sam chamou um dos trabalhadores.

Um jovem de feições muito serenas se aproximou.

- Brian, Charles e eu falávamos da importância do equilíbrio de Oliver nesses primeiros dias. Precisar de assistência constante.

- Sim, fiquem tranquilos. Estou a par do caso.

- Acreditamos que não terá dificuldades. De certa forma, nosso irmão volta vitorioso. Não cedeu aos seus sentimentos por Amy, que nem mesmo soube de seu amor por ela. E o mais importante, conseguiu diminuir consideravelmente sua animosidade em relação a Antony. Não fosse pelos passos terrivelmente equivocados e relação a eles, sua vitória estaria completa.

- Tem razão. Temos muito com que nos alegrar. – Brian consentiu com firmeza.

- Vamos, Sam. Precisamos dar ciência a Claire dos últimos acontecimentos.

Charles e Sam saíram do centro de apoio, deixando Brian a sós com Oliver. O amável protetor mantinha as mãos sobre o recém-chegado, neutralizando fluidos animalizados que seu perispírito ainda trazia.

Os mentores passavam pelo imenso jardim de Dawn, quando Charles começou a conversa.

- Sam, talvez deva acompanhar Antony e Amy mais de perto. Não temos muito tempo e a reaproximação pode demorar mais do que precisamos.

- Não se preocupe, Charles. Oliver já cuidou disso.

- O que quer dizer?

- Vamos, eu lhe conto no caminho

A morte precoce de Oliver foi um choque para Henry e Grace. Antony se esforçava para se manter firme diante da família, mas sabia que teria imensa dificuldade em superar a perda do irmão mais velho. Embora os últimos anos tenham sido de harmonia entre os dois, desejava ter tido mais tempo para que se reaproximassem. Pensou que poderia ter ignorado algumas provocações e ter se calado para evitar uma discussão, mesmo quando estava certo. Poderia ter dado o primeiro passo para uma aproximação depois de uma briga, e não ter esperado que Henry ou Grace o fizera. Quantos abraços não dados, quanta coisa que poderia ter sido dita, quantas coisas que deveriam ter sido esquecidas.

Nada mais importava. Oliver havia ido embora, para sempre.

Amy soube do trágico acontecimento por Sarah. Após a ligação da amiga, se deitou no sofá e chorou. Se lembrou da última vez que Oliver foi visitá-la, há quatro anos atrás. Se lembrou que notou um Oliver mais sério ou preocupado e diante do questionamento, respondeu que se tratavam de preocupações no trabalho.

Se lembrou que conversaram sobre quase tudo o que podiam e que Oliver havia trago um livro de poesias para presentear-la.

Amy se levantou enxugando os olhos molhados e foi até a escrivaninha em busca do presente. Tantas provas, tantos seminários... sentiu um aperto no coração quando se deu conta de que jamais havia aberto o livro. Nunca havia tempo.

Pegou o presente com carinho e abraçou, voltando para o sofá.

Folheou lentamente as páginas, lendo algumas frases que seus olhos conseguiam captar. Em um dado momento, viu um papel por entre as folhas. Era uma carta dobrada, encaixada no meio do livro.

Amy retirou a carta e fechou o livro, o colocando no acento ao seu lado.

Abriu bem devagar e começou a ler.

Amy,

Sei que o que está escrito aqui, deveria ter sido dito pessoalmente. Estava disposto a fazê-lo quando te liguei marcando uma visita, mas me conhecendo bem, resolvi escrever para o caso da coragem me deixar na mão no momento em que estivéssemos frente a frente.

Se está lendo esta carta, eu estava certo.

Amy, sei que me vê como um bom amigo e era isso que eu gostaria de ser, mas infelizmente não posso aceitar esse título. Quando te vi a primeira vez na casa do George, me apaixonei por você de uma maneira que me falta palavras para descrever tal sentimento, mas quis o destino que você se apaixonasse por outro e que esse outro, fosse nada mais, nada menos, do que meu irmão.

Tentei não a ver mais do mesmo jeito, mas não consegui. A felicidade de vocês me dilacerava por dentro e então eu fiz a única coisa que jamais poderia ter feito. Eu fiz meu irmão infeliz e você também, para que eu me sentisse melhor. Sim, por minha causa vocês não estão juntos agora. Bem, lhe direi como.

O que viu no quarto do Antony naquele dia foi uma armação minha e da Cindy, a ex namorada de Antony. Meu irmão ama você de verdade, sempre amou e ao contrário do que disse a você uma vez, ele nunca foi mulherengo ou algo do tipo.

Deve estar me odiando agora. Eu mereço. A única coisa que peço, é que se ainda sente alguma coisa pelo Antony, reconsidere sua decisão e lhe de outra chance. Ele vai ficar um pouco bravo comigo, mas eu aguento. Tentei diversas vezes falar a verdade ao meu irmão, mas sempre que o via mais próximo de mim, como jamais havia visto, minha coragem se desmanchava por completo. Não tive forças.

Imagino que sua vida tenha tomado um outro rumo, mas no fundo, acho que talvez ainda possam ter um longo caminho pela frente. Bem, a decisão é sua.

Se puder, me perdoe. Um dia... talvez em outra vida.

Sério, me perdoa, Amy. E seja feliz.

Com amor, Oliver.

Amy leu a carta mais uma vez e ainda assim, tinha imensa dificuldade

em acreditar em que seus olhos acabavam de ler. Algumas lágrimas caíram sobre o papel. Oliver estava errado, Amy não odiava, apenas lamentava tantos enganos. Queria estar diante dele, naquele momento mais do que nunca, e dizer que o perdoava e que sentia pelo amor não correspondido.

Passado o primeiro impacto, começou a se dar conta de que Antony sempre foi o que seu coração dizia que ele era. Se lembrou com detalhes daquela manhã fatídica em Leytonstone e imaginou o sofrimento de Antony diante da acusação sem chance de defesa.

Amy voltou para casa duas semanas depois. O mundo em Leytonstone havia parado desde o dia da sua mudança a Oxford. Era como se tudo estivesse lhe esperando, como se as coisas não tivessem saído do lugar.

Desde que Amy se mudou, não havia voltado para casa. Sua mãe alternava seus dias em Oxford para ajudar a filha com a rotina da casa e seu pai a visitava em alguns finais de semana.

A casa ainda tinha o mesmo cheiro e seu quarto, as mesmas lembranças. O rosto triste de Antony em uma despedida cruel ainda povoava seus pensamentos.

Tomou um banho demorado e buscou a coragem necessária para fazer o que precisava ser feito.

Desde o funeral de Oliver, Antony havia ficado com seus pais. Grace passou a tomar remédios para dormir e tinha crises de choro diariamente.

Passava a maior parte do tempo na cozinha, lugar onde seus pensamentos adormeciam e assim, podia encontrar a paz que seu coração tanto precisava.

Naquele início de tarde, Grace tirava a mesa do almoço, enquanto Antony tentava distrair a mãe contando alguns fatos do trabalho.

A campainha tocou surpreendendo a ambos.

- Chamou alguém para cá, filho?

- Não. Deixa que eu abro, mãe.

Nem em seus melhores sonhos, Antony poderia imaginar tal cena. Amy estava diante dele, com um sorriso discreto no rosto.

Sem palavras, ambos se abraçaram. Amy não conseguiu controlar a emoção. As lágrimas caíram copiosas sobre os ombros de Antony, que com os olhos marejados, apertava em seu peito aquela a quem seu coração queria tão bem.

Após um longo tempo, se entreolharam com carinho.

- Sinto muito, Antony.

Antony sorriu comedido. – Entre. Minha mãe vai gostar de vê-la.

Amy foi recebida por Grace com um abraço afetuoso.

A conversa guardada há anos por fim acontecia. Grace falou do seu luto e Amy ouvia com atenção e carinho. Antony tentava manter sua atenção no assunto que transcorria de forma simples e espontânea, mas se surpreendia olhando para Amy como se redescobrisse cada detalhe que já conhecia tão bem.

Após algum tempo, Amy se despediu. – Sinto muito, Grace. Preciso ir. Adoraria ficar mais, senti falta das nossas conversas.

- Pois esse problema está resolvido já que está de volta. Venha me ver sempre que quiser.

- Eu virei.

Antony acompanhou Amy até a porta. – Obrigado por vir. Fez muito bem a minha mãe.

- De um abraço no seu pai quando ele voltar.

- Eu darei. Obrigado.

- Então... até.

- Até...

Amy se virou e seguiu a caminho de casa. Se sentiu algo frustrada. Queria poder dizer tudo o que seu coração gritava desde que Antony abriu a porta, mas não conseguiu.

Antony por sua vez tinha o coração leve. Amy estava de volta. Era como se uma pequena chama começasse a iluminar a escuridão aos poucos, trazendo-o de volta à vida.

A coragem que faltou a Amy em seu reencontro com Antony, foi suficiente para que conseguisse marcar um encontro com Antony poucos dias depois.

O local escolhido foi a Torre de Londres. Amy foi a primeira a chegar. Um beijo cordial selou o encontro. Caminharam pela margem sul do rio Tâmisa enquanto falavam de assuntos triviais. Em determinado momento, pararam em um pequeno mirante onde era possível avistar boa parte de London bridge. Amy começou a se dar conta de que seu repertório chegava ao fim. Respirou fundo enquanto olhava o horizonte. Amy e Antony não estavam sozinhos.

Sam transmitia a Amy fluidos salutares de bom animo e confiança, que

contribuíram para que o medo não interferisse em suas intenções.

- Antony, chamei você aqui porque precisava lhe dizer... dizer que apesar de todos esses anos longe, não esqueci do nós. Reconheço que deveríamos ter conversado sobre o acontecido naquela manhã e que eu deveria lhe dar algum crédito, mas de fato eu estava muito confusa com tudo o que acontecia em minha vida.

Antony ouvia com a alma renovada. E Amy continuou. – Me desculpe por não ter acreditado em você. Hoje entendo que fui imatura e insegura.

Amy não precisava dizer mais nada. Antony se aproximou e segurou seu rosto com as mãos, carinhosamente. – Amy... eu nunca te esqueci. Senti sua falta todos os dias.

Amy sorriu emocionada. – Eu também te amo.

Sam deixou o casal a sós. Não precisariam mais de ajuda. Amy e Antony trocaram confidências sobre a saudade que sentiram por tantos anos e prometeram não mais falar do passado. Amy não falou de Oliver. Quando se abraçaram, Amy imaginou que, talvez Oliver estivesse feliz com a felicidade do irmão.

Havia queimado a carta e jurou a si mesmo que ninguém mais além dela, saberia da sua existência.

Oliver abriu os olhos devagar. Ainda confuso, buscou por alguém ou algum objeto familiar para que entendesse sua condição. Olhou para as brancas paredes do centro de apoio e para os lençóis que cobriam seu corpo.

Brian se aproximou com cuidado. – Como se sente, Oliver?

- Não sei... minha cabeça dói.

- Vou cuidar disso, se sentirá melhor.

- Estou em um hospital?

- De certa forma, sim. Vou lhe pedir que confie em mim e se mantenha tranquilo, como está agora. – Brian iniciou a aplicação de fluidos no topo da cabeça de Oliver, que aos poucos começava a sentir melhora significativa em seu estado geral, porém, ainda mantinha a consciência.

- Acho que me lembro do acidente. Avisaram a minha família?

- Charles irá responder a todas as suas perguntas. Por agora, precisa descansar.

- E ele demora?

- Acredito que não vá demorar. Apenas descanse.

Oliver fechou os olhos e sem que se desse conta, adormeceu.

Quando despertou algumas horas depois, Charles e Sam estavam à beira de seu leito. Oliver abriu os olhos com mais clareza. Charles se antecipou as apresentações.

- Olá Oliver. Sou Charles e este ao meu lado é Sam.

- Como eu estou doutor?

- Está muito bem. Mas não somos doutores.

- Quem são, então? Enfermeiros?

- Na verdade, somos seus amigos.

- Não entendo. Aqui não é um hospital?

- Oliver. Brian nos disse que se lembra do acidente que sofreu. Bem, foi um acidente bastante grave. Seu corpo não resistiu aos ferimentos,

Oliver se recostou no leito, ainda com certa dificuldade. – O que? Como assim? O Que está dizendo?

- O que intuitivamente já imagina. Seu corpo físico não pôde mais acolhê-lo. Está livre das amarras carnis. Está de volta, Oliver.

- Morri...

- Seu corpo de carne morreu. Você segue vivo. Não é assim que se sente?

- Minha mãe...minha mãe como está?

- Está sendo confortada como merece.

- Minha vida... ainda tinha tantas coisas para fazer, coisas para consertar...

- Fala de seu irmão?

Oliver chorou pela primeira vez desde o seu despertar.

- Sim.

- Chore... lhe fará bem. – Sam segurou a mão de seu protegido.

- O que deveria ter consertado, Oliver?

- Causei a infelicidade ao meu irmão. Eu tentei desfazer o que havia feito, mas já era tarde demais. Sei que meu irmão não era feliz. E era por minha culpa.

- Oliver, me alegra que se importe com Antony. Não imagina o quanto. Mas acredite, seu desespero não o ajudará em nada. Não consegue se lembrar, mas essa não foi a primeira vez que cruzou os caminhos de Antony.

- Não entendo.

- Feche os olhos. Rasgarei o véu que encobre suas lembranças de como tudo começou. Quando voltar a si, se dará contas de episódios que por hora ignora. Episódios importantes. Se lembrará de tudo, Oliver. Como quando nos lembrávamos de fatos de nossa infância que jurávamos haver esquecido.

- Quero me lembrar de tudo.

- Se lembrará. Feche os olhos.

Oliver obedeceu, confiante.

Com a mão direita sobre a fronte de Oliver, Charles fez com que as lembranças de suas duas encarnações anteriores voltassem.

Aos poucos, as lembranças de Oliver se manifestavam, vívidas como se houvessem acabado de acontecer.

Oliver era Adam e se via entre o relacionamento feliz de Julia e Jonathan. Se lembrou de Julia dançando feliz com seu par enquanto seu coração ardia em sentimentos de inveja e ira. Se viu no auge da desesperação quando soube da traição da mulher, seu único e verdadeiro amor e da vingança que tramou tão bem contra aquele a quem já havia chamado de amigo um dia. Se lembrou também de sua infância infeliz como John e das inúmeras limitações materiais as quais era submetido. Viu sua aproximação com Mia e das juras que fizeram sob a lua de uma noite fria em Londres e viu também o trágico desfecho que o triângulo amoroso, tão antigo, havia tomado. Se lembrou de seus dias nas regiões umbralinas, no resgate pelas mãos de Mia e do pouco tempo de paz que viveu em Dawn antes que voltasse para sua última jornada. Abriu os olhos e se demorou a organizar seus pensamentos. O olhar amigo de Charlie o acompanhava. – Agora está de fato consciente. Percebe que por mais importante que sua experiência como Oliver tenha sido, ela é somente um grão de areia diante de todos os passos que já deu? E acredite, meu irmão, nem fomos tão longe. Todas essas experiências depois de vividas viram poeira. Viram lembranças e nada podemos fazer com elas. O Que foi feito, está feito. Culpas e lamentos não fazem novas oportunidades, mas bom animo e coragem, sim.

- Quero reparar o que fiz com Antony. Quero que ele seja feliz e Amy também... não vou me entregar a culpa, não dessa vez. Me lembro quando me disse que descanso é consequência de trabalho duro. Não devemos reclamar por benesses que não merecemos. Agora consigo entender com bastante clareza. Lamento não ter desperdiçado tantos esforços.

- Cada esforço empreendido na sua volta valeu a pena. Para chegar a

um andar mais alto, subimos um degrau por vez. E todo passo conta.

- Obrigado, Charles. Faça o que tiver que ser feito.

- Por hora, lhe digo que está de alta. Pode ficar na casa de Claire, ela lhe acolherá com alegria. Em breve, lhe farei uma visita.

- Está bem. Estarei lhe esperando.

- Vamos, levante-se.

Sam ajudou Oliver a sair dos lençóis. – Como se sente?

- Estou bem.

- Sam, nosso irmão já conhece a cidade, mas é prudente que fique um pouco com ele até que suas forças estejam completamente refeitas. Vou deixá-los a sós.

- Obrigado por tudo, Charles. Pela primeira vez em muito, muito tempo, sinto algo de paz em meu coração.

- Me alegra ouvir isso, A propósito, como chamamos você? Tem preferência por algum de seus nomes?

- Podem me chamar de Oliver.

Charles assentiu com um sorriso.

Oliver e Sam seguiram em direção aos jardins de Dawn.

A rotina em Leytonstone começava a voltar ao normal. A reaproximação de Antony e Amy havia dado uma nova motivação para Grace, que dia após dia recuperava a força para continuar vivendo com alguma alegria, apesar de sua dor.

Antony havia voltado para seu apartamento em London Bridge e depois que Amy conseguiu uma vaga em um hospital próximo, Antony teve a ideia que mudaria suas vidas.

Foi em uma noite de lua cheia, enquanto comemoravam a conquista em um charmoso restaurante em Southwark Bridge.

- O que seu pai achou da notícia?

- Está deslumbrado! Parece que foi ele quem conseguiu a vaga.

- Eu sabia que ele ficaria assim. É um hospital bem conceituado e pagam muito bem.

- Sem contar que terei que trabalhar apenas três vezes na semana.

- Estava pensando, Amy... não precisa ficar se deslocando de

Leytonstone para vir para cá, ainda que por alguns dias apenas. Por que não vem morar comigo?

Amy colocou o copo de suco de volta à mesa. – Morar com você? Tem ideia do que está falando?

- Eu tenho. Vamos unir o útil ao agradável. Você fica perto do trabalho e eu não tenho mais que me despedir de você.

- Cuidado com o que deseja, senhor Antony. Pode se tornar realidade.

- É o que mais quero.

- É uma proposta tentadora.

- Então...

- Eu aceito. Vou morar com você! – Amy se aproximou um pouco mais.

- Na verdade, Amy, acho que ainda sou um pouco antiquado.

- O que quer dizer?

- Quero que se case comigo.

- Antony, o que tinha nesse vinho?

- Não sei... Só não quero perder mais tempo. Amo você, quero viver com você para sempre. Não parece ser o plano perfeito?

- Perfeito!

- Isso é um sim, então?

Amy respondeu enquanto o beijava. – É um sim... me caso com você!

Antony retribuiu o beijo. Seu coração enfim experimentava a sensação de estar no lugar certo. Pela primeira vez desde a morte de Oliver, sentia-se feliz.

A notícia do noivado foi um bálsamo não somente para Amy e Antony, mas também para Grace, que havia encontrado uma razão para não se entregar a melancolia de dias vazios.

Dois meses após o anúncio do noivado, a Chiswick-house estava pronta para receber os noivos.

A cerimônia religiosa foi realizada em uma estufa de vidro do século 19 situada em um jardim repleto de rosas e glicínias. A recepção, ao ar livre, serviu drinks e canapés aos convidados, que assistiram a um jogo de luzes deslumbrante, ao som de uma orquestra de violinos.

Amy estava feliz. Uma sensação de plenitude que sempre esteve por perto, mas que nunca havia eclodido de forma tão intensa. Para Antony, era como se sua vida, por fim, houvesse ganho o significado que buscava.

A lua de mel foi em Praga, República Tcheca.

Caminhando pela Charles Bridge, passaram por músicos e pintores, que ajudaram a formar a atmosfera mágica da cidade. Amy estava encantada.

- Que lugar lindo, Antony! Estou tão feliz que chego a sentir uma pontinha de medo.

- Medo? De que?

- Não sei... Medo de me perder de você de novo.

Antony interrompeu os passos e abraçou Amy. – Se nos perdermos, nos achamos de novo.

- Promete?

- Prometo.

O vai e vem de pessoas não existia. Apenas a música que tocava ao fundo e o pôr do sol formavam o cenário daquele momento em que a felicidade se tornava algo possível. Amy e Antony eram inseparáveis. Passaram quinze dias vivendo um para o outro. Iam dormir juntos e acordavam praticamente ao mesmo tempo. Conversavam sobre tudo o que podiam e faziam planos para o futuro.

Já de volta a Leytonstone, começaram a viver a vida que sonharam desde o primeiro encontro no restaurante tailandês. Uma vida a dois, onde a afinidade que os unia fazia com que a harmonia do dia a dia não se dissipasse com o cotidiano.

Charles e Sam conversavam enquanto caminhavam pelo caminho de pedras, a caminho da casa de Claire.

- Apesar do importante trabalho que realiza junto as crianças, creio que o pedido de Claire de estar ao lado da irmã mais uma vez é muito justo.

- Sem dúvida, Charles. Sem contar que poderá ajudar no equilíbrio da família. Oliver está pronto para a nova experiência, mas quanto mais harmônico for o lar, melhor para o êxito de seus propósitos.

- Será melhor que Oliver fique um tempo a sós com Amy e Antony. Depois que sua personalidade começar a vir à tona, Claire o fará companhia como sua irmãzinha amada.

- Quando falará com ela?

- Tudo a seu tempo, Sam. Por agora, cuidemos do retorno de Oliver como primogênito do casal.

Ao chegarem, os mentores foram recebidos por Oliver com entusiasmo.

- Então, está tudo pronto?

- Quem lhe viu e quem lhe vê! Em outros tempos, aqui mesmo nessa casa, suas expectativas para o retorno não eram tão animadoras!

- Sim, me lembro bem.

- Muito me alegra ver que está tão disposto e acima de tudo, consciente de seu dever.

- Eles estão prontos? Sabem que irão me receber como filho?

- Hoje enquanto dormem na Terra, serão trazidos para cá. Após o encontro, poderá começar o processo.

- Acha que receberão bem a notícia?

- Não deve se preocupar com isso. Cuide de sua harmonização. Quanto mais equilibrado estiver, mais fácil será todo o processo.

Oliver assentiu.

Conforme dito por Charles, naquela madrugada, tão logo Amy e Antony deixaram o corpo físico em razão do sono, foram conduzidos por Sam até a colônia, mais especificamente, na casa da família de Claire.

Oliver os aguardava ao lado de Charles, Adolph e Claire.

Amy estava pouco mais consciente, mas ainda assim, não gozava de suas totais faculdades. Antony observava tudo como se estivesse assistindo a um filme sobre sua própria vida, embora sem a afetação de a estar vivendo pessoalmente. Ao notar a presença do irmão, Antony se emocionou, porém sem o desequilíbrio da euforia do reencontro, algo que fatalmente aconteceria se estivesse desperto no corpo de carne.

- Oliver...

Oliver não conseguiu conter as lágrimas copiosas. – Antony, meu irmão. Que alegria o ver.

Oliver caminhou na direção de Antony e com um olhar direcionado a Charles, pediu permissão sem palavras para o gesto que ensaiava executar. Charles consentiu com um sorriso. Diante do consentimento do mentor, Oliver se aproximou do irmão caçula e o abraçou com carinho. Antony retribuiu.

A cena enternecedora tocou a todos os presentes.

Terminado o longo abraço, Charles se dirigiu ao casal, que se mantinha lado a lado.

- Uma missão para ambos se aproxima. Receberão em seus braços o

filhinho que dará alegria aos seus dias e responsabilidade a seus propósitos. Oliver voltará para o seio da família, desta vez como filho amado. Não tenho dúvidas de que será recebido com o amor de que necessitará para sublinhar suas resoluções com o êxito que tanto busca.

Amy e Antony sorriram satisfeitos. O coração de Oliver se iluminou diante da atmosfera de acolhimento de que era alvo.

- Sam, volte com nossos irmãos. Nosso trabalho está terminado por hora.

Claire se despediu da irmã enquanto Oliver, profundamente emocionado, era amparado por Charles e Adolph. – Alegre-se Oliver! Tão logo o dia amanheça, partiremos para o instituto de planejamento. Sua nova jornada vai começar.

Oliver sorriu. Não tinha palavras. Viu Antony e Amy se afastarem e fechou os olhos. Agradeceu em silêncio pela oportunidade do recomeço.

De volta ao corpo físico, Amy e Antony não se lembravam com detalhes da visita que haviam feito a colônia. Antony guardava apenas a lembrança do rosto de Oliver e do profundo carinho que havia sentido do irmão mais velho. Imaginou como sua vida teria tido mais momentos felizes se tivesse sentido esse afeto mais vezes. Amy guardou apenas a sensação de que sua vida com Antony lhe reservaria momentos importantes, cruciais. Em cada dia que amanhecia ao seu lado, tinha a certeza de que estava no caminho certo.

Grace sonhava com um neto, nunca havia pedido com palavras, mas pequenas frases soltas entregavam o desejo de ver a vida da família renovada. Amy entendeu o desejo do coração castigado de Grace e parou de tomar os remédios sem que Antony soubesse. Não queria criar expectativas.

Na noite de natal, durante a ceia, Amy fez o anúncio tão esperado. A confraternização, na casa de Grace, reunia a mesa além de Henry, Pam e Smith. Todos jantavam enquanto ouviam Henry contar alguns casos curiosos sobre sua infância, quando Amy aproveitou uma deixa do sogro para tomar a palavra.

- Bem, eu peço um minuto da atenção de vocês para dar uma notícia importante.

Antony se surpreendeu com o aviso. Amy notou a reação do marido e

sorriu, como se dissesse sem palavras que confiasse.

Todos pararam.

- O que é filha, quer matar a todos de curiosidade?

- Não, mãe. Não quero. Bem... vou direto ao assunto então. Eu... -

Amy deu um longo suspiro. – Eu estou grávida.

Antony não conteve a alegria com que a notícia foi recebida. Se levantou e abraçou a esposa, que não conseguiu disfarçar os olhos marejados.

Mas foi Grace a mais afetada com a notícia. Demorou a acreditar no que seus ouvidos acabavam de ouvir. Henry precisou chamá-la para a realidade. – Ei! Ouviu isso, Grace? Suas preces foram ouvidas!

Grace deixava as lágrimas correrem enquanto um sorriso espontâneo enfeitava o seu rosto, ainda marcado pelo golpe sofrido pela perda do filho. Antony pegou a mãe pela mão e a levantou, a abraçando com carinho.

A gravidez de Amy deu um novo ânimo a vida de todos. Acompanhada por Sam, o novo corpo em formação recebia magnetização diárias e a ligação se fortalecia a cada dia.

A gravidez de Amy seguiu com normalidade, quase ou nenhum mal estar podia ser percebido, fazendo com que sua permanência no trabalho fosse possível.

Em uma noite quente de verão, Amy e Antony resolveram fazer um passeio ao ar livre. Caminhando pelo Potters Fields Park, conversavam sobre a decoração do quarto do bebê e sobre a incógnita do sexo, que apesar dos inúmeros exames de imagem, não foi possível ser revelado.

- Minha intuição diz que será um menino.

- Diz isso porque é o que quer, amor. Todo homem sonha em ter um filho homem. É o que dizem.

- Não vou negar que teria mais facilidade com menino. Não sei... talvez pelo fato de ter tido um irmão.

As feições de Antony se modificaram sensivelmente. Amy percebeu a melancolia na fala de Antony. – Vamos fazer uma coisa. Eu acho que é menina, você acha que é menino. Pois bem, se for menina, será Candace, como minha avó e se for menino, será Oliver. O que me diz?

- Oliver... - Antony se demorou em seus pensamentos por alguns segundos. – Gostei muito, Amy. Obrigado.

- Eu amo você. E vamos amar muito nossa Candace ou nosso Oliver. Obrigada você pela família que eu tenho.

Antony e Amy entrelaçaram as mãos. Se olharam com carinho e ainda que Amy não se desse conta, seu coração experimentou a lembrança da noite na loja do sr. Thompson, em que Mia e Jessie dançavam juntos e se entreolharam. Assim como naquela noite, Antony a beijou. Seus lábios se uniram confirmando uma conexão que Amy não sabia explicar, mas que desfrutava com todo o seu coração.

Três meses se passaram e em um dia frio de outono, na presença de Charles e Sam, Amy dava a luz a um menino.

O choro de Oliver anunciava mais um recomeço. Antony o segurou nos braços como quem recebia um presente valioso.

Os mentores observavam a cena, enternecidos.

- Veja as emanções energéticas que emanam de Oliver. Repare como se entrelaçam com as de seu pai.

- Sem dúvida, um belo espetáculo, Charles.

- Sim. Almas que se buscam a fim de recuperar o tempo perdido.

- Terão forças para perseverarem neste proposito sublime?

- Amy será peça fundamental nesta engrenagem. Confiemos, Sam. Confiemos.

Antony repousou seu filho nos braços de Amy, que o acolheu, emocionada.

Olhando para os traços finos e delicados do pequeno rosto do filho, Amy se lembrou da frase que terminava a carta de Oliver.

“Se puder, me perdoe. Um dia... talvez em outra vida.”

Amy sorriu e agradeceu pelo caminho que havia tomado. Tudo havia voltado para o seu lugar.

Fim.

